

OS VALES DE LORIGA E DE ALVOCO NA SERRA DA ESTRELA

ESTUDO DE GEOGRAFIA HUMANA

Para quem percorre as estradas sinuosas que cortam as encostas e os mais altos cimos da serra da Estrela, salta aos olhos a individualidade da montanha granítica. Pelo seu relevo vigoroso sobressai no conjunto das áreas existentes que a envolvem em cumes boleados e encostas profundamente abarrancadas, e toma figura de região privilegiada se se atender aos numerosos povoados que à sua sombra se desenvolveram. De facto, sulcada por numerosos vales ligados à rede hidrográfica de três rios principais — Zêzere, Mondego e Alva — possui, em cada um dos mais importantes, centros de população tais como a cidade da Covilhã, as vilas de Seia e Gouveia, as grandes aldeias (algumas outrora também sedes de concelho) de Loriga, Alvoco da Serra, Valezim, S. Romão, Unhais da Serra, umas quase inteiramente rurais, outras com indústrias de lanifícios que, quando se modernizam, lhes dão vida e certa aparência de progresso (fig. 1).

O relevo da serra da Estrela salienta-se pois pela oposição entre os retalhos de velhas superfícies de aplanção, deslocadas e desigualmente soerguidas, sempre despidas de vegetação ou só de zimbro anão (*Juniperus communis*) e cervum (*Nardus stricta*), algumas cristas descarnadas fazendo lembrar ruínas de castros, e os vales profundos que, divergindo dos cimos, dão à paisagem, pelo vigor do encaixe, uma grandeza de montanha. Muitos deles foram modelados pelos glaciares do fim do Quaternário, de que restam algumas moreias e pormenores na morfologia de detalhe. A secção inicial do seu perfil longitudinal apresenta, muitas vezes, uma sucessão de covões onde

se alojaram lagoas ou abrigados tapetes relvosos. Aquelas constituem reservatórios de água que permitem o abastecimento permanente às culturas das encostas e vales mais próximos; estes, pastagens frescas e verdejantes, mesmo durante o Verão, quando o sol resseca as ervas das terras baixas.

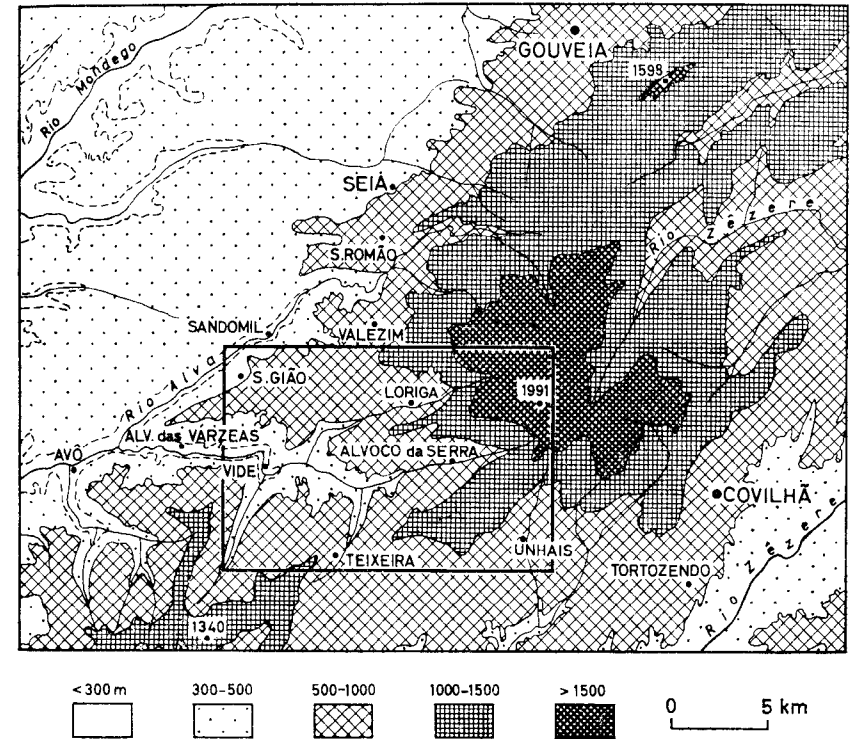


Fig. 1 — Localização dos vales de Loriga e de Alvoco da Serra.

A cem quilómetros do mar, os cimos da Estrela têm um clima bastante mais fresco do que o das plataformas envolventes. Durante o Estio as temperaturas são pouco elevadas e a humidade relativa aproxima-se de 100%. As chuvas, abundantes e repartidas por quase todo o ano, alimentam as numerosas ribeiras, de regime torrencial, que, correndo primeiro sobre granitos e depois sobre xistos, evidenciam nas formas das vertentes a natureza da rocha que entalham.

Foram objecto deste estudo apenas os vales das ribeiras de Loriga e de Alvoco da Serra. Correndo ambas para SO,

pouco depois da aldeia da Barriosa juntam as águas às das ribeiras do Piódão e de Mel, e formam o rio de Alvoco, que conflui com o Alva na ponte das Três Entradas, a jusante de Alvoco das Várzeas. Como este expressivo nome indica, o vale alonga-se, e cessa, ao longo dele, o ambiente de montanha.

A ribeira da Loriga resulta principalmente de duas outras: a da Nave e a de S. Bento. A primeira corre num vale glaciário e o seu perfil apresenta na parte inicial secções de declive que separam covões escalonados — Covão Boieiro, Covão do Meio, Covão da Nave e Covão da Areia. Como escreve ORLANDO RIBEIRO, «constituem-nos uma sucessão de bacias, dispostas em degraus, de paredes escarpadas e fundo aluvial perfeitamente plano e regular, donde emergem, a espaços, ilhotas rochosas arredondadas. A montante, cada bacia é limitada por uma escarpa, e a mais elevada por uma espécie de circo aberto no bordo do planalto. Para jusante, o fundo do vale eleva-se também numa ladeira suave contrária ao escoamento das águas, atravessado pelo ribeiro numa garganta pequena mas muito apertada, a que se segue uma cascata e uma bacia inferior» ⁽¹⁾. Depois, uma perfeita e grandiosa garganta em U, no rebordo do planalto mais elevado, correspondente ao perfil transversal do Covão da Areia, indica o caminho seguido pela língua de gelo (est. I, A). Moreias laterais contínuas e um pequeno anfiteatro morénico removido evidenciam o limite máximo da descida do glaciário; em secção transversal, são acompanhadas de um nível rochoso desenvolvido por erosão das neves à altura da massa do gelo. Actualmente o curso da ribeira talha, depois da garganta, um vale apertado, meio embutido no velho fundo glaciário de superfícies nuas e alisadas. A ribeira de S. Bento tem a sua bacia de recepção entre as cristas graníticas que se alinham com os altos de S. Bento (1 513 m) e da Penha do Gato (1 768 m), e segue uma fractura, bem denunciada pela rigidez do seu curso, sensivelmente paralela ao importante alinhamento Zêzere-Alforfa (NE-SW). Um outro afluente, a ribeira do Curtiçor, segue também uma orientação tectónica. Correndo ambas em direcção a Loriga, reduzem

⁽¹⁾ O. RIBEIRO, «Contribuição para o estudo do pastoreio na Serra da Estrela», *Revista da Faculdade de Letras de Lisboa*, VII, n.º 1-2, Lisboa, 1941, p. 225.

bastante o seu interflúvio. O contacto xisto-granítico está perto do Malha Pão e do Cabeço do Frade (est. I, B). A erosão vertical é mais forte no xisto, não apenas pela textura da rocha mas também em função do maior caudal que a ribeira agora possui: o vale aperta-se e aprofunda-se para jusante.

A ribeira de Alvoco da Serra vem igualmente do planalto da Torre; toda a parte superior da sua bacia hidrográfica fica no granito, entre os cimos da Penha dos Abutres (1819 m) e o alto das Portelinhas (1320 m). A jusante da povoação que lhe deu o nome, passa a correr nas formações xistosas até à confluência com a ribeira de Loriga (fig. 2).

Aspectos comuns à erosão no xisto assemelham a paisagem morfológica dos vales das duas ribeiras: as mesmas ladeiras íngremes e poeirentas acompanham os seus cursos que meandrizam caprichosamente; sobre elas, os mesmos solos esqueléticos ou a mesma ausência de solos; múltiplos barrocos, secos no Verão mas torrenciais no Inverno, arrastam por vezes, em escassas horas, os horizontes húmidos pouco evoluídos que nem chegam a enriquecer os terrenos do fundo; e o caudal da ribeira, que então rola com fragor blocos enormes arrancados aos cimos, mobiliza tudo na sua frente, derruba muros e azenhas e cobre quase só de fragas e de seixos grosseiros algumas fracções das leiras mais baixas.

Outros elementos da paisagem atestam a presença das duas rochas. Às formações vegetais ricas em tojos, giestas e urzes, comuns às zonas mais húmidas, sucedem, à medida que a altitude diminui e já no xisto, outros tipos com tonalidades mediterrâneas, onde a esteva e o medronheiro tomam lugar de relevo. Igualmente as casas, os muros que separam e aguentam as leiras, as palheiras do gado, que em grande número salpicam as encostas e os fundos numa réplica ao povoamento humano, nos falam de uma ou de outra rocha. No contacto, as construções são de granito e xisto mas, muito perto, uma casa ou uma palheira mostram um só material; os muros dos socalcos passam frequentemente de um a outro. Respostas espontâneas às condições do ambiente, sem esforços inúteis ...quando nada de vantajoso haveria em contrariá-las!

Na extremidade inferior de cada uma das bacias de recepção referidas, a cerca de 700 metros, encontram-se duas povoações importantes — Loriga e Alvoco da Serra — e não

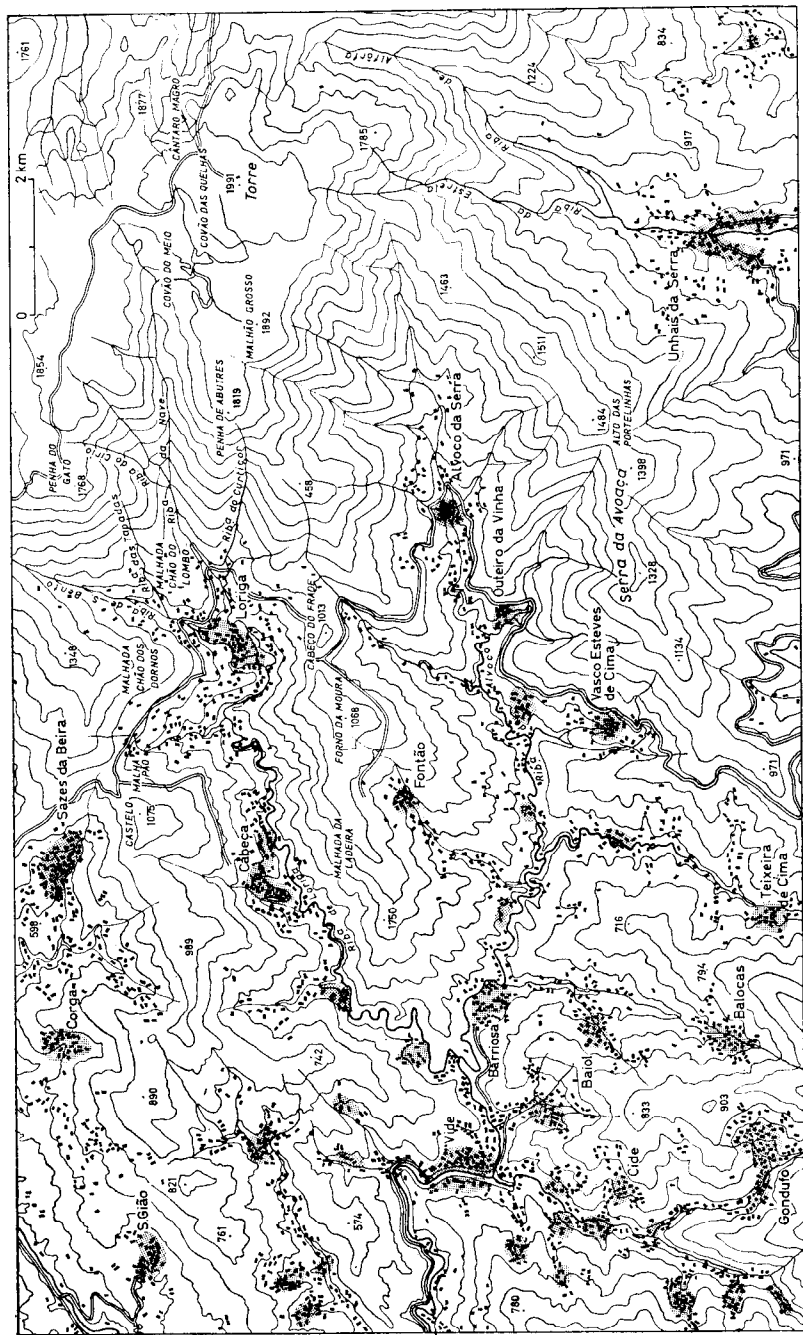


Fig. 2 — Os vales de Loriga e de Alvoco. Equidistância das curvas de nível: 100 m. As povoações estão indicadas a ponteados; as outras construções representam aproximadamente a dispersão das « palheiroas ».

longe da confluência, já a 350 m, uma outra, não menos importante — Vide. As duas primeiras têm foral manuelino e foram sedes de concelho. Em 1527 havia em Loriga 78 fogos, em Alvoco 46 e em Vide 9. Entre elas, ao longo dos vales, apenas são referidas a «qymtã da teyxreira», num vale subsidiário da ribeira de Alvoco, e a «barryosa», numa larga rechã. É portanto de crer que estes três maiores aglomerados foram, pelo menos em grande parte, os pólos de difusão de correntes de povoamento ligadas à suavidade das terras mais baixas e à menor secura das mais altas.

Vide era nessa altura um núcleo essencialmente agrícola e essa feição persiste ainda hoje. Loriga e Alvoco, votadas de início a economia pastoril que uma agricultura precária mal equilibrava, sofreram, com a introdução da cultura do milho e, mais tarde, com a industrialização dos tecidos de lã, cuja produção se limitara até então a um artesanato caseiro, uma transformação não só na paisagem — pela construção de socacos que as necessidades de rega da nova planta impunham — mas também, e um pouco mais tarde, na própria estrutura. Numerosas fábricas localizaram-se na sua periferia e não longe das ribeiras, aproveitando mais directamente a energia das águas e os espaços livres para as construções industriais e estendedores de panos.

Compreender ao longo do tempo as formas de vida pastoril, agrária ou industrial, neste ambiente sem grandes recursos de solos, de clima, de matéria-prima, rude na encosta e no vale, foi nosso propósito. Atraíram-nos a beleza da paisagem, as imagens da vida agro-pastoril, tradicional e ainda activa, que sabíamos poder encontrar, as formas industriais igualmente arcaicas e em franco declínio, e a curiosidade de ver até que ponto a modernização dos vários sectores económicos afectou um meio pobre como este — ou, pelo contrário, se afastou esquecendo-o. E, se consideramos duas partes principais — economia tradicional e economia moderna —, não procuramos descrever dois mundos diferentes, separados no tempo, mas dar imagens de modos de vida que se sucedem sem dúvida mas permanecem em conjunto, caracterizando, antes ou agora, esta ou aquela parcela dum pequeno quadro regional, deste mundo de dois vales de montanha, semelhantes a muitos outros. Apenas ligeiras diferenças de tonalidade ou

de um jogo confuso de tonalidades evidenciam uma vertente mais exposta ao norte ou mais ao sul, uma influência atlântica dominante ou uma tonalidade continental, um predomínio de xisto ou de granito ou a coexistência das duas rochas.

ECONOMIA TRADICIONAL

Através de diversas informações colhidas junto de pessoas idosas, párocos e entidades das Juntas de Freguesia, e da leitura dos forais manuelinos dos extintos concelhos de Alvoco da Serra e de Loriga, de documentos vários arquivados na Câmara de Seia e das actas das sessões das Juntas de Paróquia, procuramos reconstituir os aspectos evolutivos fundamentais da vida e da economia das populações do trecho de montanha que constitui o objecto do presente estudo.

Os mais altos lugares habitados teriam sido desde sempre típicas aldeias serranas, essencialmente pastoris. Uma população agrupada de forma compacta, nos recôncavos abrigados da encosta SO da Estrela, vivia da criação de rebanhos de cabras e de ovelhas, do aproveitamento do mel e da cera das colmeias, da colheita das castanhas dos soutos e de episódicas culturas de centeio feitas sobre arroteias e queimadas. Aquelas aldeias, de aspecto rústico, eram amontoados de casas toscas de granito nu, cobertas de colmo ou de lajes de xisto, que se misturavam com outras construções pouco diferentes, destinadas aos gados (²). Muitas destas apenas eram habitadas temporariamente, pois no Verão os rebanhos subiam aos planaltos serranos sob a vigilância de pastores e cães, para aproveitarem as pastagens que aí se conservavam frescas, e no Inverno juntavam-se de novo aos das terras baixas, mas nas Campanhas da Idanha e no «Campo» da Beira Baixa. De facto, os forais outorgados por D. Manuel I, em 1514, a Loriga e a Alvoco da Serra, deixam ver claramente que se tratava dum ambiente de pastores e criadores de gado, onde a agricultura subsidiava pobremente uma economia autárquica. Além dos gados são referidas as culturas do centeio, do linho e da vinha como novidades, e em Alvoco ainda a do trigo, mas nada se diz quanto a qualquer espécie de milho.

(²) É provável que por vezes eles ocupassem a «loja» das primeiras.

O trigo seria cultivado na parte mais meridional do concelho, pois, como cereal próprio de climas temperados, adaptar-se-ia mal, nas variedades comuns, ao Inverno rude, com frequentes quedas de neve, das altas encostas vizinhas das povoações e dos cimos da Avoaça. Produzia-se o necessário para comer — carne, leite, queijo, castanha, mel, pão — e para vestir: linho, e sobretudo lã, que fomentaram um artesanato rudimentar, de panos grosseiros (saragoça, surrobeco, baeta), xailes e cobertores.

Esta tradição pastoril vinha já dos albores da vida peninsular. Os domínios romano e visigótico e, mais tarde, a Reconquista não a empobreceram. O Código Visigótico compreende numerosas disposições referentes à vida dos rebanhos e às suas interferências com o mundo dos agricultores, muito semelhantes na sua forma de expressão às do último século. Durante os instáveis períodos da Reconquista a economia pastoril era a que melhor se conjugava com as oscilações das fronteiras (³). Mais tarde os forais manuelinos confirmam a sua continuidade. O período de dominação filipina estimulou certamente este estilo de vida, na medida em que estendeu até aos nossos criadores de gado os privilégios da Mesta. Nos meados do século XVIII, segundo o P.^o LUÍS CARDOSO (⁴), era ainda a vida dos rebanhos que centralizava, no dia a dia, as atenções dos seus donos. Um século depois, não obstante a multiplicação das propriedades particulares e dos arvoredos e a intensificação da agricultura, reduzindo consideravelmente os pousios onde aqueles gados transumantes faziam a invernada, aquela situação mantinha-se.

Importa, portanto, considerar a vida pastoril em primeiro lugar nesta tentativa de reconstituição dos aspectos fundamentais da economia tradicional. E, uma vez que ela está intimamente associada à valorização dos incultos, estudá-los-emos em conjunto.

(³) MARIA JOSÉ TRINDADE — *A vida pastoril e o pastoreio em Portugal nos séc. XII a XVI. Subsídios para a sua história*. Dissertação de licenciatura em História, Lisboa, 1962.

(⁴) P.^o LUÍS CARDOSO — *Dicionário Geographico de Portugal*, Lisboa, 1758.

Os gados — Pelo mais antigo numeramento geral de gados, datado de 1870, conhecemos a importância que os rebanhos tinham no concelho de Seia, onde se integra a área que estudamos — freguesias de Loriga, Alvoco da Serra, Cabeça, Teixeira e Vide. Comparando os seus efectivos com os registados para os outros concelhos serranos vizinhos — Gouveia e Manteigas —, verificamos a superioridade numérica dos bovinos e ovinos, o seu segundo lugar quanto aos caprinos (Manteigas ocupava o primeiro lugar) e, como traço comum, o domínio do gado miúdo, que em Seia representava 80 p. 100 do total, sendo especialmente lanar. A grande riqueza pecuária deste último concelho explica-se ao recordarmos que muitas das suas freguesias ocupam a maior parte das superfícies altas da Estrela: Sabugueiro, Valezim, Loriga e Alvoco da Serra. Pobreza dos matos pastados — cervum —, rudeza dos climas, deslocação transumante e medíocre selecção de raças, são factores que limitaram a criação a ovelhas churras, produtoras de lãs de inferior qualidade, e a cabras. A deficiência de matéria-prima condicionou a indiferença com que a indústria de lanifícios foi olhada até bastante tarde. Negociantes de Gouveia, Manteigas, Covilhã, Portalegre, com fácil acesso às feiras de S. João em Évora e às da raia espanhola, compravam aí as boas lãs que alimentavam a sua progressiva indústria. O isolamento de Loriga e de Alvoco limitou aquelas transacções. Como núcleos pastoris, junto de ribeiras, tinham condições para se tornarem também centros industriais. Se bem que em «1800 uma caravana de muares, dirigida por Manuel Fernandes», de Alvoco, tenha transposto os Pirenéus, buscando melhor mercado para as suas «fazendas», e regressado com lãs merinas, de boa qualidade, e «não menos boas maneiras», estes novos contactos pouco apressaram a modernização. Toda a preparação dos tecidos continuava manual. Depois de «escrameada», batida à vara, sugada, escaldada, tratada com urinas e gredas, lavada na ribeira e seca nas areias, a lã era fiada, cardada com uma tábua de muitos dentes («burro»), tecida em teares manuais, de madeira, e ultimada nos pisões ⁽⁵⁾. Em Loriga, a primeira tentativa de concentração do artesanato surgiu em 1806. Mais

(5) Conjunto de dois malhos, bastante grandes, que batiam alternadamente sobre o tecido.

tarde foram chamados operários da Covilhã para trabalharem ali, procurando-se assim pôr em prática as novas técnicas da época. Em 1825 impunha-se já o pagamento de uma multa a quem estendia panos nas propriedades particulares. Em Alvoco, a primeira fábrica surgiu só em 1858, junto da Ponte Velha, por iniciativa de João de Brito. Quando em 1865 se discutiu a necessidade de ligar, por uma estrada, estas povoações com a Cova da Beira e Alto Alentejo e Viseu, fez-se notar uma certa actividade comercial, a compra e venda de muitas arrobas de lã e de tecidos, trocas até então estabelecidas dificilmente através duma «vereda caprina». Nessa altura em Tortozendo havia três fábricas, em Unhais uma, em Alvoco da Serra uma, em Loriga duas e outras duas em construção, em Valezim duas e em S. Romão duas. Só a fábrica de Alvoco trabalhava em cada ano cerca de 225 toneladas de lã. Em 1880 Alvoco tinha mais duas fábricas: a de Baixo, do Barão do Alvoco, e a do Engenho, do Barão de S. Domingos. Este mandou vir, de Portalegre, uma máquina a vapor, que entrou na povoação em 1890, puxada por três juntas de bois através das encostas da Avoaça.

A actividade industrial destas povoações fora adquirindo assim certa importância mas, não obstante a presença dos ribeiros, cuja água fazia mover as rodas, e duma tradição artesanal, ela parecia um pouco deslocada na medida em que grande parte da matéria-prima deixava de ser regional... Não se haviam entretanto melhorado nem as raças nem as pastagens.

Como se processava a vida pastoril? À semelhança dos séculos anteriores, muitos gados deixavam as aldeias serranas, num ou noutro sentido, consoante as estações. Durante o Verão procuravam as pastagens frescas, conservadas em altitude, enquanto no Inverno, fugindo aos frios e tempestades, muitos alcançavam ainda as terras baixas, mais amenas, como o Campo do Mondego, o vale do Douro ou as superfícies planálticas da Beira Baixa.

Certas aldeias, pela sua situação privilegiada, cedo organizaram economicamente estas deambulações. No Verão, quando a azáfama dos proprietários dos vales e da Terra Chã os mantinha permanentemente nos campos, regando, ceifando ou cuidando das vinhas, e as terras menos secas estavam todas

ocupadas por culturas, era preciso procurar quem cuidasse dos gados e lhes garantisse alimento. Mediante uma «licença» paga à Junta de Freguesia (*), estes, depois de devidamente marcados, juntavam-se a outros gados de fora, vindos da Terra Chã ou das aldeias serranas mais fundeiras, e em grandes rebanhos davam vida aos planaltos montanhosos, de Julho ao S. Miguel (29 de Setembro). Os nevoeiros outonais, que anunciam as primeiras tempestades, tornando difícil a vida em altitude, e que coincidem com um mínimo na curva dos trabalhos agrícolas, faziam-nos regressar às terras e currais familiares.

Loriga desempenhou com grande relevo este papel de aldeia-comando da transumância estival. Na verdade, os limites da freguesia abrangem grandes extensões de bons pastos, junto dos seus numerosos covões, assim como lugares de abrigo para pernoitar. Concentrava gados vindos de Vila-Cova-à-Coelheira, Sazes da Beira, Vide, Avô, S. Gião, Sandomil, Oliveira do Hospital. E também de Alvoco da Serra, não obstante esta dispor de pastos serranos, mas menos ricos (sem covões...) e pouco extensos, pelo que já em 1835 os arrendava (o limite inferior descia até à Avoaça) à freguesia de Loriga, que em troca isentaria de licença todo o gado miúdo de Alvoco, participante do grande rebanho estival. Mas esta regalia deve ter entusiasmado demais os criadores, pois que em 1852 Loriga postula, nas condições do contrato, que o número de cabeças provenientes de Alvoco teria de ser sempre inferior a 500. Pastores da terra, contratados pela Junta da Freguesia, encaminhavam os rebanhos de Loriga para a serra, na serra e desta até Loriga, onde, nos fins de Setembro, se fazia a apartação dos animais e a entrega aos respectivos donos.

Dos gados locais, da Cabeça e de Alvoco, já poucos participavam na internada. Nos anos de Inverno precoce, os provenientes do Sabugueiro, ainda hoje a aldeia mais pastoril da serra da Estrela, não atravessavam a montanha mas seguiam um caminho de meia encosta que, passando por S. Romão, Valezim, Loriga, Alvoco e Unhais, os levava aos pastos da Beira Baixa. Esta passagem de gados, embora não

(*) Em Loriga, em 1840, o gado miúdo de fora pagava 50 réis por cabeça e o gado graúdo 400 réis.

regular, arrastava consigo algumas cabeças destas aldeias, mas no século XIX ela já se tornara indiferente aos criadores. A caminhada era longa, fatigante, de muitos dias, por maus caminhos ou apertadas canadas (†) (est. II); as coimas frequentes; os pastos menos extensos e mais pobres; e, na aldeia, a erva cortada no prado, juntamente com as folhas do milho e alguma palha de centeio, constituíam razoável alimento. Por outro lado, a freguesia tinha baldios abaixo do rebordo do planalto que podiam ser aproveitados nos meses primaveris ou outonais. Os proprietários tinham também algumas tapadas e leiras de cultivo, muitas vezes escalonadas desde as terras mais fundeiras do vale até à meia encosta. Depois de cortado o milho, muitas ficavam devolutas ou só com pequenos cantos ocupados pela horta, enquanto outras se convertiam em prados limados. Durante o Inverno, os gados aproveitavam as leiras de relva, mais baixas e portanto mais abrigadas, pois seriam elas também as primeiras a ficarem semeadas. Como só a lima prende directamente o homem ao campo, todo o resto do seu tempo é aproveitado ou no roçar do mato e fazer a cama dos animais ou a levá-los a pastar ou a beber no regato ou ribeiro mais próximo. Nos dias tempestuosos, ficavam estabulados nas «palheiras» que se dispersavam amiúde por todo o vale; eram alimentados à mangedoura, tarefa que obrigava, mesmo então, os donos a deslocarem-se e por vezes a permanecer nelas dias seguidos, tal como no Verão quando a água de rega calha de noite. Convertiam-se deste modo as «palheiras» em habitações ocasionais, que nos lembram um pouco as póvoas das margens do Zêzere.

Em Março e Abril a vida no campo reanima-se com os trabalhos de preparação da terra para a sementeira do milho. O gado aproveita entretanto as leiras mais altas (e portanto mais serôdias), vizinhas das tapadas, e as encostas baldias que rodeiam aqueles campos. Nesta época, tal como em Setembro e Outubro, é ainda hoje frequente ver, dum e doutro lado das vertentes dos ribeiros do Círio, da Tapada, etc., ou perto das Fragas do Padre Nosso e do Azogue, pequenos rebanhos dispersos que, pelo tilintar dos chocalhos, pelos assobios dos

(†) Caminho de gado, na montanha, por entre culturas e tapadas.

pastores e pelos latidos dos cães, quebram a nostalgia impressionante desses recantos da montanha

Para as aldeias mais serranas há, portanto, separação nítida entre três zonas de pasto:

a) a dos cimos, pastos de altitude, parte nos granitos meio nus, meio cobertos por uma areia de alteração, e parte nos fundos dos covões mais ricos em água e mais verdejantes, aproveitados no Estio;

b) a da meia encosta, por entre penedos escavados, aproveitada na Primavera e no Outono;

c) a mais vizinha das povoações, constituída pelos terrenos de cultura entre uma colheita e a sementeira seguinte, e pelos prados cultivados, que dão alimento durante o Inverno. Junte-se-lhes algumas tapadas particulares quando não muito arborizadas.

Cabeça, Teixeira e Vide, mais meridionais e mais baixas, suportavam pelos cimos, então ainda não revestidos por pinhal e na sua quase totalidade baldios da freguesia, mesmo durante o Verão, quase todo o gado. Sempre enviaram poucos animais à serra. A perda do leite, do estrume, e de algumas cabeças pelos ataques dos lobos, juntamente com o valor das licenças que deveriam pagar à Junta de Freguesia de Loriga e a soldada aos pastores, não tornavam a deslocação compensadora.

A internada já tinha, portanto, quase desaparecido. Para algumas aldeias sucedia o mesmo com a subida estival. A estabulação dos gados tornava-se cada vez mais cómoda e habitual. E se o mundo do xisto foi o domínio da criação de cabras e o do granito de ovelhas, esboçava-se certamente por toda a parte um predomínio de gado lanar ⁽⁸⁾.

Entretanto, a erva dos prados e as folhas do milho eram alimento suficiente para outros gados mais exigentes mas mais rendosos. Se, de facto, toda aquela actividade pastoril estava ligada principalmente a gado miúdo, os bovinos entravam já na riqueza pecuária, embora em número muito inferior. Nos princípios do século XIX, alguns bois pastavam livremente, durante o Verão, nos cimos, junto dos covões, causando danos frequentes nos fenos e lavras de pão mais altas. As

⁽⁸⁾ Impressão que, infelizmente, não é possível confirmar com dados estatísticos.

primeiras queixas que conhecemos foram apresentadas, em 1833, à Junta de Freguesia de Loriga. A partir de 1835 contrata-se, por arrematação, um pastor que seria pago, tal como os pastores de ovelhas e cabras, proporcionalmente às cabeças de gado bovino que encaminhava e guardava. Era o boieiro, natural da própria freguesia de Loriga (mas, nos últimos anos, de Alvoco da Serra) que, durante o Verão, acompanhava este gado na sua subida através de canadas e «cortadeiras» ⁽⁹⁾, para a montanha. Multar-se-iam todos os bovinos que por lá andassem sem lhe terem sido entregues. Em 1838 fala-se em comprar um boi «para acompanhar as vacas que se apascentavam durante o Verão na serra». Mais exigente, este gado aproveitaria a relva dos fundos arenosos das várias bacias glaciárias ligadas à Ribeira da Nave e ainda dos covões da Loriga, das Quelhas, da Francelha, enquanto as ovelhas e as cabras se espalhavam pelos restantes cimos mais pobres. À noite, ou quando o mau tempo lá os surpreendia, não raro mesmo no Estio, dada a altitude e a exposição às influências dos ventos oceânicos, abrigavam-se no Covão do Meio. O boieiro preparava a sua «talisca», aproveitando um abrigo natural e cimentando-o com bosta. Tudo isto revela uma vida pastoril de montanha, que envolvia não só gado miúdo mas também graúdo. Na restante parte do ano, este recolhia às palheiras e rivalizava com as ovelhas e cabras no consumo da erva dos prados limados e das folhas dos milhos das culturas anteriores. Os bovinos devem ter aumentado em número durante todo o século XIX, acompanhando a difusão da cultura do milho. Novos socalcos foram construídos, visando uma maior produção daquele cereal, logo novos prados de Inverno e mais mantimentos. Ainda hoje, na Loriga, o número médio de cabeças de bovinos por fogo é maior entre os grandes produtores de milho. Na Cabeça, só cria vacas quem tem uma produção de milho superior a 200 alqueires. Tratava-se duma criação para rendimento; não foram conhecidos, ou pelo menos não vulgarizados, os carros de bois e os arados. Nas feiras compravam-se bezerros, vitelas e algumas vacas de reprodução. Parece que o negócio era rendoso, pois o capital dos primeiros estabelecimentos de manufactura de tecidos de lã teve muitas vezes aí a sua origem.

⁽⁹⁾ Caminho para ir roçar e transportar mato.

Os bovinos garantiam também, como complemento, considerável produção de estrume, que fertilizava os campos de milho. Mas, embora de raças rústicas, com cascos duros, eram sempre animais corpulentos, que se adaptavam mal às caminhadas estivais para a serra, através de veredas muito estreitas e por encostas bastante íngremes. Muitos «esfeijoavam-se». O alargar das áreas vetadas temporariamente a prado garantiu-lhes alimento nas terras baixas, durante o ano inteiro. O surto industrial que se esboçara no início do século fez multiplicar o número de operários, mais ou menos desligados do campo e que consumiam leite. Tudo isto levou pouco a pouco os criadores a manterem quase todos os bovinos permanentemente perto deles e, em Loriga e Alvoco, ainda a substituí-los em parte por vacas turinas. Começava a desaparecer assim a vida pastoril de montanha para o gado grosso, que se apoiara no aproveitamento extensivo dos pastos altos dos Covões.

As aldeias, cuja água de rega provém fundamentalmente de pequenas nascentes, não tinham possibilidades de regar os prados durante o Inverno porque, em virtude do frio, a água não corre e as enxurradas destroem as poças. Sem a lima, a geada e os nevões queimam quase todo o azevém e outras forragens. A criação de gado bovino nunca teve valor para elas. A exemplificar citemos Fontão, Vasco Esteves de Cima e Teixeira de Cima, onde só desde há pouco mais de dez anos se cria uma ou outra vitela.

Valor e utilização dos baldios — O valor dos baldios está, como vimos, intimamente ligado à criação de gado. Cada freguesia desde sempre guardou ciosamente os seus limites mas, porque as fronteiras em terra não intensamente cultivada são sempre frouxas, várias vezes surgiram desentendimentos. Elas seguiam afloramentos rochosos, mais ou menos salientes, e nem todos os conheciam com rigor. Citemos, como exemplo, as velhas questões entre Loriga e Alvoco (1876) e entre Loriga e Cabeça (1855), que marcaram sentimentalmente as populações. Ainda hoje a gente da Cabeça se quer desligada da de Loriga e «só lá consente o Padre e mesmo ele lá cima, na Igreja» (Igreja Nova — excêntrica e mais alta em relação ao velho núcleo).

A utilização destes terrenos baldios das freguesias pesou sempre muito na economia regional. Loriga e Alvoco da Serra protegiam-nos por meio dum conjunto de posturas cujo não cumprimento implicava várias multas. Proibia-se que toda a espécie de gado, bovino, lanígero ou caprino, entrasse nos seus limites sem previamente ter adquirido uma licença mediante o pagamento dum certo valor, actualizado de vez em quando de acordo com as oscilações da moeda. Estas licenças são adquiridas nas Juntas de Freguesia e referidas ao tempo que vai do S. João ao S. Miguel de cada ano. Por exemplo, em Loriga, em 1848, cada cabeça de gado bovino vindo de fora deveria pagar 400 réis, e a de gado miúdo 50 réis, sempre o dobro do pago pelos gados da freguesia. Encontrados sem licença, eram encoimados: 50 réis a ovelha, 100 réis a cabra e 500 réis o boi ou besta. Em 1863 aquelas licenças eram de 500 réis e 50 réis; em 1896 o gado miúdo pagava 30 réis. A diminuição do valor desta licença leva-nos a pensar que se procurava facilitar a entrada dos gados. Em 1899 a multa era de 100 réis por ovelha, 200 réis por cabra e 500 réis por vaca ou boi. Estas multas eram extensivas aos proprietários da freguesia que admitissem gados de fora nos seus rebanhos.

Todos os anos se nomeavam «zeladores», à semelhança dos zeladores das águas, para vigiarem os logradouros comuns das paróquias e denunciarem os delapidadores destes bens às autoridades competentes. O produto das multas era dividido a meias entre o denunciante e a paróquia, e esta última metade constituiu sempre uma parcela notável entre as fontes de receita. Muitas vezes as Juntas de Freguesia a elas recorriam, quando precisavam de dinheiro para despesas extra, actualizando-as e subindo-as conforme as necessidades maiores ou menores do momento.

Além de pastos, estes logradouros comuns constituíam também reservas de lenhas, que se guardavam nos forros das casas, para queimar no Inverno, e mato para a cama do gado e preparo de estrumes. Por vezes ainda insuficientes, pois Loriga, em 1870, procurava arrendar fora da freguesia «não só terrenos de pasto como também lenhas e estrumes para uso comum». Sem eles as terras tornar-se-iam mais pobres, cada vez menos produtivas e a vida da população campesina mais difícil. Por isso proibia-se igualmente que «indivíduos de fora aí roçassem

mato ou lenha, arrancassem cepa ou torga», sob pena de multa ou de dias de prisão. Também não era permitida a feitura livre de carvão, dados os seus efeitos destruidores nessas reservas, sempre cobiçadas por numerosos carvoeiros que buscavam no negócio do carvão complemento importante da sua economia, «fazendo por conseguinte um roubo a quem por direito e antiquíssima lei aquele mato pertence». Mesmo aos da terra, só lhes era permitido se para consumo próprio e mediante uma licença, igualmente concedida pela Junta, e onde se referia o local, o dia da feitura e o nome do carvoeiro. O não cumprimento destas leis implicava uma coima ou alguns dias de prisão, sempre a dobrar em caso de reincidência. O carvão seria retido e também dividido em duas partes iguais a favor do denunciante e da Paróquia. Como exemplo, em 1860, a Junta de Loriga só permitiu que se fizesse carvão para consumo próprio e «para as partes da Ladeira e para as partes do povo da Cabeça», zona que menos lhe interessava, mundo rude de xisto que os Serviços Florestais do Estado obrigariam cedo a rearborizar.

O cultivo da terra — Pelos forais manuelinos verificamos que, nessa época, a agricultura se apresentava, sob o aspecto económico, como uma actividade de segundo plano. Na alimentação habitual apenas o pão, quase sempre feito a partir do centeio, representava os produtos dela derivados e completava a ementa habitual: leite, queijo, alguma carne, trutas das ribeiras, mel e castanhas.

O centeio era pois o cereal mais importante, não obstante o trigo ser também referido para Alvoco da Serra. De acordo com as suas exigências ecológicas justificamos, no princípio deste capítulo, as desigualdades da sua importância global e da sua distribuição.

Num documento de 1823, em que se pede a separação da igreja da aldeia da Teixeira da de Vide, indicam-se, na cõngria estabelecida para o padre, 4 alqueires de trigo além de 20 alqueires de milho grosso ou de centeio, 20 almudes de vinho cozido, 12 arráteis de cera de velas brancas e 4 alqueires de azeite. Num outro manuscrito, relativo a uma partilha de bens da freguesia de Loriga e datado de 1863, são referidas, como elementos do património de uma família,

terras regadias, de milho e de limar, juntamente com terras centeiras, de mato e de pinhal.

Mais de 300 anos separam estes documentos, respectivamente dos séculos XVI e XIX, mas por eles podemos notar a evolução operada no sector agrícola. A velha agricultura de subsistência abriram-se novos horizontes com a introdução de novas plantas e novos, ou pelo menos mais numerosos, animais. Um outro cereal, o milho grosso, difundira-se já, e naquela freguesia a sua importância estava em paralelo com a do centeio ou talvez fosse mesmo superior, pois a dita cõngua, no ano seguinte, compreendia apenas 2 alqueires de trigo, nada de centeio mas 2 moios de milho. Como cereal de climas quentes e húmidos, só poderia ser cultivado durante o Verão, estação seca em quase todo o mundo temperado, mediante regas. Exigiu portanto uma socalcagem das encostas (est. III), menos necessária ao centeio e até então praticada para o linhar, a horta ou o prado limado, além duma organização mais perfeita da utilização da água dos lameiros que assim cediam temporariamente lugar a campos. Em terras arroteadas de novo e em comparação com os outros cereais conhecidos, o milho era uma planta extraordinária, pelo número elevado de sementes de cada colheita (40 ou mais). A água tornou-se evidentemente muito valiosa, como no-lo revelam os vários pedidos de convocação das Juntas Paroquiais em 1825, quer em Alvoco, quer em Loriga, quer mesmo em Vide, a fim de melhor se definirem as normas da utilização das águas dos ribeiros. Remonta a séculos anteriores a usufruição comum daquelas águas, mas o sistema, transmitido pelo uso e costume, deixou naturalmente de ser eficiente agora que a área agricultável fora bastante acrescida. «Está no céu quem dividiu as águas», diziam os camponeses, mas foi imperioso alargar essa divisão às exigências das novas culturas e mesmo às de uma indústria nascente. A Escritura de Águas de Alvoco da Serra data de 1853 mas, mesmo para épocas anteriores, conhecemos muitas referências à nomeação de «zeladores» que, tal como noutras freguesias, vigiavam, de 8 de Julho até ao S. Miguel, a sangria das ribeiras e zelavam pelo uso regular das águas divididas pelas várias levadas, que os organismos locais, com a ajuda de todos os interessados, foram construindo. No geral propostos pelos proprietários, os

zeladores não podiam moralmente recusar a sua nomeação e, jurando com solenidade sobre os Santos Evangelhos, comprometiam-se a desempenhar o cargo com perfeita imparcialidade, observar a ordem, os dias e as horas marcadas na Escritura ou simplesmente ditadas pela Junta, fazer seguir sempre a mesma sequência quando regados todos os prédios, para evitar que uma terra fosse regada de novo sem o terem sido todas as outras que aproveitavam as mesmas águas. Eram de início pagos em alqueires de milho, entregues por duas vezes — a primeira metade a 15 de Agosto e a segunda em fins de Setembro. Em 1868 passaram, na Loriga, a receber em dinheiro: 10 réis por hora de rega. Dois anos depois encontramos referências semelhantes para Alvoco da Serra e também a indicação de que o pagamento se fazia precisamente no dia de S. Miguel.

Em 1878 regista-se certa negligência da parte dos propostos, no exercício das suas tarefas; justificada pela má remuneração, revela-nos aliás que o desempenho daqueles cargos não era missão fácil, pois que nem sempre havia escritura e a todos se devia contentar.

Outros regulamentos têm de ser novamente estruturados e em Loriga encontramos registos de reuniões em 1891 e mais tarde, em 1918, tendo por fim estabelecer melhores acordos, uma vez que os antigos já eram inoperantes. Igualmente em Alvoco se fez, em 1918, uma reunião da Junta para «agir as águas dos ribeiros, pois os velhos regulamentos eram todos desprezados». A cada agricultor de terras regadas competia tapar as águas no ponto em que as desviasse, ao fim do seu tempo de rega; e ainda fazer a limpeza da levada no dia indicado pelo zelador, pessoalmente ou por intermédio de alguém, sob pena de ser obrigado a pagar a quem fizesse esse trabalho por ordem da Junta, além duma multa (de 1000 réis em 1890).

O problema da água era portanto de primordial importância. Por toda a parte se captavam nascentes, se sangravam ribeiros por meio de levadas que, multiplicando-se em pequenas regueiras, iam ziguezagueando pelas encostas. Todos estes artificios correspondem a trabalhos tanto mais dispendiosos quanto mais para jusante, onde se impôs a construção de poças, represas e açudes. De facto, quanto mais nos afastamos da serra mais se complicam estes processos de aproveitamento

duma água que se tornou necessária e que não é muito abundante, e «lá vão surgindo uns ralhitos que normalmente terminam em bem». Ontem, tal como hoje, rega-se de dia e de noite, podendo ainda ver-se pelos caminhos o luzir das candeias que os homens levam quando no escuro vão cuidar das suas águas.

Votando a milho todas as terras que dispunham de água, cada proprietário ficava, no entanto, com algumas outras de sequeiro, onde podia cultivar centeio. A eira do povo de Alvoco da Serra, construída em 1793, traduz a importância que a cultura deste cereal ainda mantinha (est. IV). Por outro lado, tinham também acesso a arroteias nos baldios comuns. Aqui se abriam timidamente campos temporários, partindo de uma queimada cujas cinzas ajudavam a fertilizar o terreno. A uma boa colheita seguiam-se outras insignificantes, e aquela terra, de fertilidade aparente e sobretudo efémera, depressa era abandonada por uns anos.

Nos arquivos do extinto concelho de Loriga encontramos minuciosas referências a tais «roçadas» e algumas posturas datadas de 1848. Havia então quatro «folhas comunais»: a da Ribeira de S. Bento, a da Malhada do Chão do Lombo, a do Chão dos Dornos e a da Ladeira, mas uma só era alqueivada em cada ano e «segundo a ordem estabelecida pelos usos e costumes», prova suficiente da antiguidade do sistema. Não se permitia «fazer alqueive fora da folha respectiva sob pena de que o fazendo não poderá exigir que os vizinhos lha guardem», «serrar ⁽¹⁰⁾ mais terra do que a que semear, sob pena duma coima de 1000 réis». Ao mesmo tempo, todo o gado que fosse encontrado nestas terras, depois de coutadas, pagaria 50 réis por cabeça se se tratasse de gado miúdo e 400 réis em caso de gado grosso. As coimas afectavam igualmente quem fizesse caminho por entre as searas ou metesse gados, próprios ou alheios, nos restolhos antes de ter sido levantado o pão — 50 réis por ovelha e 100 por cabra.

Também em Alvoco da Serra se aproveitavam para a cultura alguns retalhos dos vastos logradouros comuns. Estes pedaços de terra eram obtidos por arrendamento, por um ano ou mais, sempre em hasta pública, por quem maior lanço

(10) Arrotear.

oferecesse, em dinheiro ou em milho. Algumas escrituras de arrendamento de terras centeeiras, datadas de 1868, mostram-nos que a renda correspondia à parceria 4/1. No nosso século, em 1918, repetem-se tais pedidos para cultivar centeio nos baldios à razão de 8/1, se arrestolhados, e de 10/1 em piores terrenos ou em terras até então de mato, mas já se não permitia cultivar dois anos a fio.

As rendas e foros, a milho e a dinheiro, foram sempre importante base nas receitas das Paróquias, principalmente em Alvoco da Serra, onde faltavam os valores provenientes da usufruição de pastos estivais.

Ao lado das coutadas, das propriedades particulares de regadio ou de sequeiro e dos baldios, multiplicaram-se as tapadas (est. V), importantes pelo mato ou pelos soutos que pouco a pouco foram cedendo terreno aos pinhais. Em 1850 escrevia-se: «são igualmente defendidos soutos, pinhais e giestais das tapadas, pois muitas vezes eram invadidas por gentes que aí roçavam mato, arrancavam cepas ou apascentavam gados, sob pretexto que as supunham não adonadas». Perante algumas queixas, as autoridades procuravam verificar os títulos de posse, nomeando juizes que reliam cuidadosamente os documentos antigos, ouviam informadores... e, assim baseados, decidiam, positiva ou negativamente, sobre a justeza das reclamações. Além da protecção dos arvoredos das tapadas, outras árvores mereciam também certa defesa: as coimas seriam sempre a dobrar se as terras invadidas pelos gados alheios tinham árvores de fruto, vinhas ou oliveiras. Efectivamente, em Alvoco, em 1827, o azeite proveniente das povoações anexas ao vale figurava nas cõngruas; em Loriga, em 1868, multava-se quem andasse ao rabisco ⁽¹⁾ de azeitonas antes dos fins de Janeiro; no mesmo ano foi arrematada, em hasta pública, por três alqueires de milho e por um ano, a água pertencente a um olival de Vasco Esteves de Cima.

Se procurarmos evidenciar o traço mais saliente e mais geral da economia tradicional, encontramos-lo na profunda associação entre a agricultura e a criação de gado. Por todo o século XIX desenvolveu-se um complicado cadastro regional,

⁽¹⁾ Apanhar a azeitona caída no chão, depois da colheita.

e a estrutura predial de cada família englobava casa de habitação mais ou menos tosca, leiras mimosas cuidadosamente cultivadas, com as suas palheiras dispersas, às vezes também «tapadas», rendas ou terrenos aforados para o centeio, e ainda acesso aos pastos e baldios comunais. Talvez o centeio continuasse nas aldeias mais serranas como primeiro cereal, enquanto o trigo teria lugar dominante nas outras. A colonização das encostas altas implicava um cereal que, ao lado da castanha, entrasse na alimentação familiar, e este era sem dúvida o centeio, que, lançado à terra em Setembro, suportava o frio e as neves do Inverno e estava pronto para a ceifa em Junho. As hortaliças e o linho ocupavam pequenas courelas junto das povoações. Depois, durante os fins dos séculos XVIII e por todo o século XIX, o milho difundiu-se consideravelmente e a broa tornou-se pouco a pouco o pão nosso de cada dia. O centeio recuara para as terras mais pobres e mais frias e só o milho imperava nas courelas do vale, rodeadas de vinhas ou arborizadas com olival. Um século depois, a batata, seguindo o centeio, aumentava a produção das arroteias, justificando algumas pouco prometedoras. Portanto, aquilo que consideramos como policultura tradicional foi também aqui enriquecendo lentamente e muitas achegas que hoje são essenciais foram bastante tardias. A agricultura tornou-se assim actividade de largas perspectivas, como que uma base, que importava defender verdadeiramente, não só por uma técnica que modelou uma paisagem agrária vigorosa nas não menos vigorosas encostas da montanha, mas também por um conjunto de leis que a opunham à sempre presente criação de gado com pastoreio e deslocação estacional.

Com a economia das terras secas forjaram-se laços de comunitarismo; mas, com o regadio, surgiu um forte individualismo, não obstante a solidariedade, necessária à regularização das águas, também ela visando os interesses de cada um.

A propriedade particular multiplicou-se e os baldios, o que era de todos, estavam já ameaçados pelos Serviços Florestais. Para assegurar alguma posse, muitas tapadas foram arborizadas. Os baldios comunais não seriam jamais uma floresta comunal! O mesmo não pensou o povo de Vide, onde a própria Junta de Freguesia promoveu a rearborização, contando hoje com uma apreciável receita proveniente das madeiras e resinas

dos seus pinhais, que lhe permitiu facilmente modelar a feição arejada e limpa da aldeia.

ASPECTOS MODERNOS DA VIDA RURAL

Culturas e técnicas — Poucas são as diferenças que encontramos entre a paisagem agrária de hoje e a imagem atrás reconstituída para o século passado. O milho é ainda a cultura dominante, embora longe de corresponder ao êxito das primeiras colheitas. Muitos, preferindo «a cor do pão da cidade» e aproveitando algumas terras menos ricas de água, difundiram o milho «branco». Outros continuam a cultivar o «amarelo», de venda mais fácil. As técnicas pouco ou nada mudaram: não se fazem leiras nem se armam camalhões; rega-se tal como se limam os prados; associa-se o feijão; não se usam arados e todo o trabalho do solo é bastante superficial; os estrumes, mais empobrecidos, quase só mato seco, pouco fertilizam; os adubos químicos, demasiado caros, não se generalizaram; os solos, mal estruturados, têm fraca capacidade de retenção: os surtos primaveris de calor comprometem as culturas e como defesa «empalham-se» ⁽¹²⁾ ainda hoje as terras de milho (est. VI).

O trigo e o centeio quase desapareceram das encostas xistentas. Em muitas aldeias a lembrança da «eira do povo» esfuma-se na memória dos mais novos. O centeio aparece apenas nalguma nova arroteia das terras graníticas e só nas duas aldeias mais altas, Loriga e Alvoco, se fala de *pão de Inverno* (broa) e de *pão de Verão* (centeio). Em 1958 estas arroteias renderam à freguesia de Loriga 500\$00. Não é um cereal pobre como o centeio que justifica tal valor mas sim a batata que, ocupando a terra no ano seguinte, chega a produzir 40 sementes.

A difusão da cultura deste tubérculo corresponde talvez ao mais importante aspecto da evolução da agricultura no século XX. Em Loriga, em 1918, o consumo de batata era considerável e importavam-se 500 arrobas. Cultivada de início apenas em rotação com o centeio, ganha lugar nas terras

⁽¹²⁾ Cobrir com palha de centeio as terras cultivadas de há pouco, para retardar o ressequir.

regadas ao lado do milho e da horta e surge mesmo como cultura fundamental nas leiras mais secas de jusante. O aumento da área regada, consequência do acréscimo demográfico, e a redução do caudal da ribeira de Loriga (obras da Empresa Hidroeléctrica nos Covões) ⁽¹³⁾ empobreceram quantitativamente as regas, diminuindo naquelas leiras «secas» o rendimento do milho. Em Vide, a batata é desde há dez anos a principal cultura: com ciclo vegetativo mais curto e semeada em Março-Abril, está na terra numa época ainda fresca e a produção não é afectada pela pobreza das regas.

Foi ainda a maior secura destas terras baixas que favoreceu as culturas arbustivas e arbóreas, sempre mais resistentes. Muitas encostas impressionam pela densidade dos muros que, vencendo o declive, sustêm olivais, por vezes marginados de vinha (est. III), e o vinho e o azeite são hoje os seus melhores rendimentos. No entanto, também valorizam já as encostas soalheiras, vizinhas dos planaltos montanhosos. A sua expansão recente foi facilitada pela redução dos efectivos pecuários, especialmente das cabras, que, apascentadas nestes campos nos fins de Outono, comiam as azeitonas e roíam as videiras. Não ultrapassando nunca os 850 m, vão até ao mato e pinhal, mas a vinha limita-se sempre aos bordos dos socos.

Também as árvores de fruto são mais frequentes, e tanto no Casal do Rei como na Cabeça encontramos algumas figueiras e laranjeiras que, com certa dificuldade, conseguem resistir aos rudes Invernos da montanha. Em Loriga, elas são raras, pois a miudagem dos operários encarrega-se de colher a fruta muito antes dela amadurecer.

Da vegetação espontânea alguns soutos e bosques de

⁽¹³⁾ Aproveitando o aclave dos covões glaciários da ribeira de Loriga, foi construída uma barragem que, ao concentrar as águas das chuvas e da fusão das neves depois desviadas por conduta para a Lagoa Comprida, lhe empobreceu o caudal, comprometendo todo o regadio. Mas as populações de Loriga, Cabeça, Muro, Vide e mesmo Alvoco das Várzeas reagiram, apresentando como soluções:

a) A construção de duas barragens nos Covões da Nave e da Areia, que, se não enchessem até 15 de Junho, se encheriam com as águas da Empresa;

b) A construção de uma levada ao lado das barragens, que daria completa independência à passagem das águas dos poços situados num plano superior. Tais medidas não foram tomadas até hoje.

medronheiros e azinheiras conservam certa importância na economia local. O «caniço» é comum em muitas cozinhas. Cabeça dispõe dum souto de 30 hectares; Teixeira de Cima tem também um, dividido em várias parcelas, de que a população aproveita os frutos. A aguardente de medronho é correntemente fabricada, para consumo familiar e para venda, em todas as aldeias do xisto. Vide ainda produzia, em 1944, 1.500 almudes; embora menor, a produção continua importante ⁽¹⁴⁾.

A ocupação dos baldios. A floresta — Acima das terras de cultura e das «tapadas» estendiam-se os baldios. Nos fins do século passado já muitas tapadas, particulares ou paroquiais, estavam arborizadas. As primeiras tentativas de arborização dos baldios datam dos meados do século XIX, mas só nos últimos vinte anos se fez sentir fortemente a pressão dos serviços oficiais. Surgiria uma nova paisagem mas também algumas apreensões em virtude da importância que os baldios sempre tiveram na vida das populações: reservas de pasto, estrume, lenha e carvão e fonte de lucros paroquiais. Apenas para Loriga podemos recolher alguns valores quantitativos. As licenças anuais dos gados da terra e de fora, que os utilizam no Verão, e o arrendamento de certas áreas a pastores de Manteigas, do S. Miguel às grandes invernias, renderam, em 1920, 800\$00; em 1940, 970\$00 e em 1960, 3 000\$00. A evolução destes valores explica-se porque Loriga continua a dispor de grandes extensões planálticas a mais de 1500 m, que a floresta de pinheiros não cobrirá, e portanto a receber gado doutras aldeias serranas já sem logradouros. Se é certo que muitas, como Cabeça ou Teixeira, vendem os seus gados, outras como Valezim mantêm rebanhos de alguma importância.

O revestimento florestal destas vertentes degradadas, quase sem vegetação e quase sem solo, integra-se num plano geral de valorização económica. Cultivam-se pinheiros; produz-se madeira e resina; por entre eles continuará a crescer o mato e não faltarão lenhas e estrumes; com os anos reconstituir-se-á um solo ácido, pobre em matéria orgânica, de tex-

⁽¹⁴⁾ Eng. MANUEL DE MELO, «Inquérito à Estrutura Social do Concelho de Seia», revista *Altitude*, n.º 1 a 3, Guarda, 1944.

tura arenosa ou grosseira, mal estrumado, que em todo o caso poderá alimentar outras espécies mais exigentes e mais valiosas. Mas a árvore é, pelo menos de início, incompatível com o rebanho, particularmente com rebanhos de ovelhas e cabras que eram aqui os predominantes. A partir da altura em que os Serviços Florestais começassem a rearborizar, os vastos baldios eram, durante os primeiros anos, vedados à entrada dos gados e a quem fosse roçar mato.

Um grave desajustamento na velha economia surge então. O gado era a fonte principal das receitas domésticas; era a vida do rebanho que se impunha manter, pois que, além da carne, do leite e das crias, ele facilitava, com os estrumes, a agricultura intensiva dos campos regados. A rearborização foi portanto encarada com natural descontentamento pelas populações das aldeias. De todas as maneiras se procurou entravar a acção dos Serviços Florestais: arrancam-se os primeiros peniscos; lança-se fogo a algumas matas; em Alvoco da Serra, os sinos tocam a rebate numa manifestação de descontentamento geral; na Teixeira de Cima demonstra-se, pelas formas mais diversas, que todos os terrenos estão adonados, repetem-se oralmente os limites das propriedades particulares e dum baldio comunal, que alguém sem família deixou a todos os conterrâneos... No conjunto, reacções incompreensíveis para muitos técnicos! O tempo, como sempre, acabou por conformar os menos poderosos: só Teixeira de Cima, levantando querela judiciária, retardou a arborização oficial que se limita aos cimos mais altos. Mas os trabalhos da floresta, que nos últimos anos cobriu toda a serra de xisto e parte das encostas graníticas, quase afogando algumas povoações, ocupam muita gente e, juntamente com os salários ganhos nas obras das estradas ou longe da terra, ajudam a manter o desafogo económico aparente na maioria das aldeias.

Poucas são hoje as freguesias que dispõem de baldios livres: Loriga e Teixeira, já referidas, e Alvoco com pequenas parcelas que, pela sua situação perto da Torre, escaparam igualmente. Vide, antecipando-se aos Serviços Florestais, rearborizou por sua conta quase todos os baldios que, em conjunto com as numerosas tapadas também arborizadas, formam uma importante floresta «particular». Num mundo menos alto e

de xisto, as pastagens eram pobres e a madeira e a resina prometiam melhores rendimentos.

Decadência do pastoreio — Com o progredir da floresta desapareceram os pastos da meia encosta e dos cimos mais baixos, utilizados durante todo o ano pelos gados de algumas aldeias. E com eles desapareceu também aquela vida pastoril intensa de que hoje restam só recordações decadentes ou aspectos ainda vivos mas muito localizados.

As mais largas demarcações dos perímetros a florestar surgiram em 1958. O último arrolamento (1955) não revela, pois, as recentes transformações. As figs. 3 e 4 traduzem, naquela data, a distribuição relativa de cabras e ovelhas nas várias freguesias e a importância da criação nas estruturas económicas locais. Assim, enquanto em Loriga e em Unhais da Serra o número de manifestantes de ovinos ou de caprinos é insignificante em relação ao número de famílias, na Teixeira, Vide, Cabeça, S. Gião e Sazes esses números pouco diferem. Quase todas as famílias são criadoras de gado miúdo, muitas só de ovelhas e algumas só de cabras. Os efectivos aproximam-se dos do arrolamento de 1934. Durante estes vinte anos a criação de gado não sofreu evolução considerável. A um pequeno aumento geral só Alvoco da Serra constitui excepção quanto aos ovinos, e Loriga quanto aos caprinos; mas as reduções não foram grandes e em parte compensadas pelos acréscimos das outras espécies. Serão, no entanto, impressionantes os dados do próximo arrolamento. Com a difusão da agricultura intensiva, a criação de gado miúdo passou a ter uma importância menor na economia rural; com a expansão da floresta, desaparece quase por completo das explorações. Venderam-se muitas cabeças. Cada família conserva apenas quatro ou cinco ovelhas e outras tantas cabras que, quer de Verão quer de Inverno, nos dias de sol, podemos encontrar pastando nalguma leira devoluta ou tapada não arborizada, em qualquer vereda ou perto do regato, guiadas pelos miúdos. Nos dias de invernia recolhem ao ambiente sombrio, de parca luz coada pelas frestas das portas velhas e apodrecidas dos estábulos toscos. Mesmo quando pastam, a parte fundamental da sua alimentação é constituída por folhas de milho ou erva ceifada, que lhes é dada à mangedoura — alimentação sem dúvida

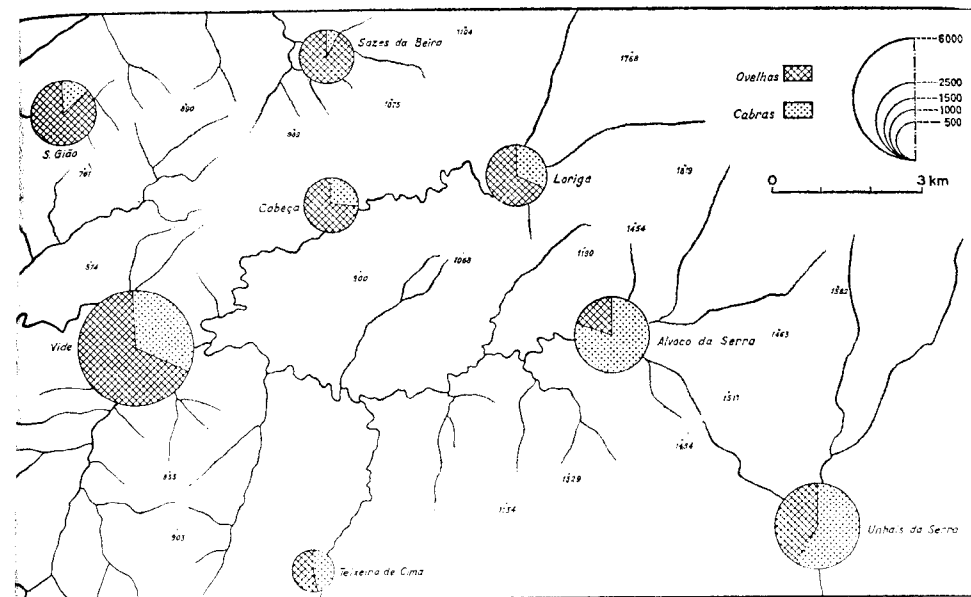


Fig. 3 — Relação entre os totais de ovinos e caprinos, por freguesia, em 1955.

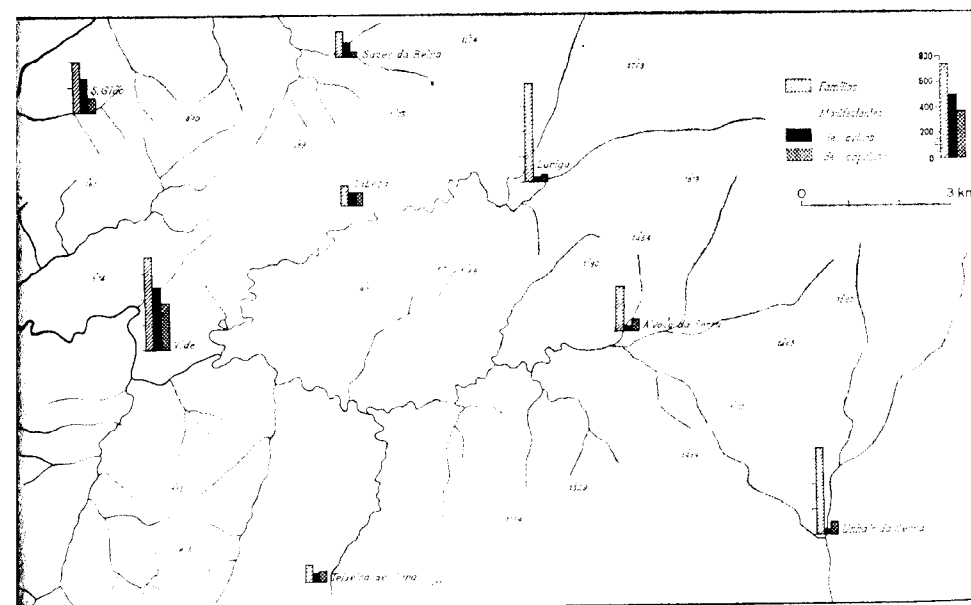


Fig. 4 — Comparação do número de famílias (1960) com o de manifestantes de ovinos e caprinos (1955), por freguesia.

desequilibrada mas que aos seus donos parece bastante razoável uma vez que... «eles também quase só comem broa». Como as ovelhas aceitam mais facilmente uma vida reclusa, há tendência geral para que se substituam as cabras no total do rebanho, visto que poderão pastar entre o pinhal daqui a alguns anos. Algumas delas persistem, porque se contentam com alimentos modestos — mato que cresce por entre o pinhal das

Freguesias	Ovinos		Caprinos		Bovinos	
	1934	1955	1934	1955	1934	1955
Alvoco	556	400	1619	1687	83	89
Cabeça	772	931	207	330	10	4
Loriga	865	901	723	555	167	206
Teixeira	3462	348	1808	300	9	0
Vide	3885		2279			22

tapadas — e as crias são um bom rendimento. No entanto, Teixeira conserva apenas uma das suas quinze cabradas de há quarenta anos.

São estes os aspectos decadentes da vida pastoril de montanha que encontramos hoje, de um modo geral, em quase todas as aldeias. Só em Loriga ainda se organizam movimentos pastoris a longa distância. Como parte da sua área baldia abrange elevados planaltos, sem floresta, pode manter um rebanho local numeroso, que durante muitos meses do ano aproveita os pastos da meia encosta, em granito e também não arborizada. No Verão, estes gados continuam a subir à serra e aí permanecem quase até ao S. Miguel. São acompanhados por gados de fora, da Terra Chã ou de outras aldeias da montanha, que, não encontrando alimento nas áreas locais, muito secas, agricultadas intensivamente ou florestadas, são levados em pequenos rebanhos, nos meados de Junho, até aos altos da serra. O mapa da fig. 5 mostra a amplitude destas deslocações estivais em 1962, ano em que subiram 2 969 cabeças: 1 426 de Loriga, 400 de Valezim, 190 da Lajeosa, 138 de Lagares da Beira, 223 de Sandomil, 204 de Santa Comba e 96 de Torrozel. Os totais provenientes das aldeias serranas

são sempre insignificantes: da Cabeça apenas três criadores enviaram o seu gado, num total de 25 animais; de Alvoco da Serra seis criadores enviaram 259 cabeças (em 1955 criavam-se em Alvoco 2087 cabeças de gado miúdo). Teixeira, Casal do

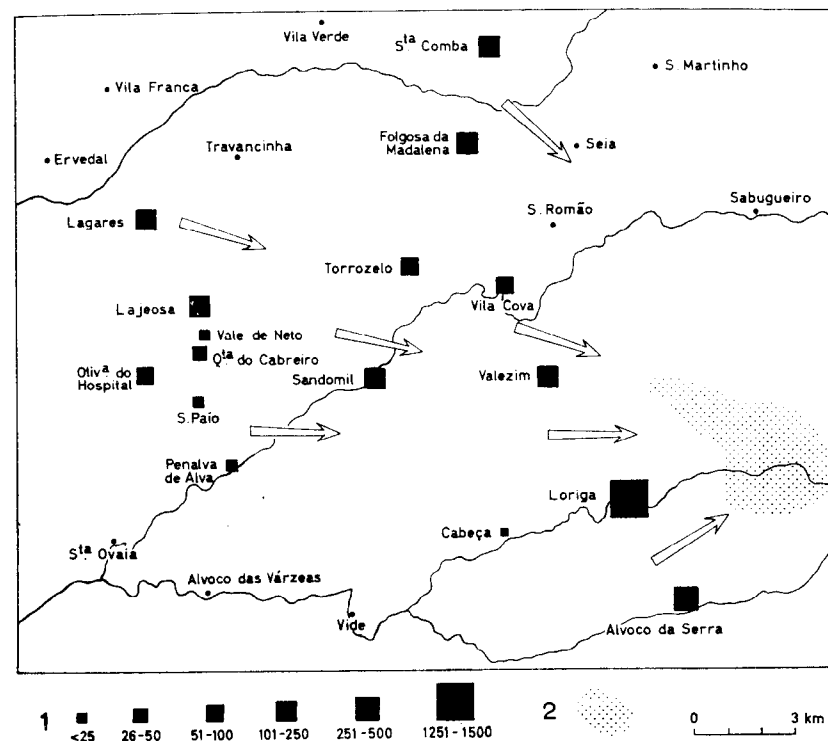


Fig. 5 — Efectivos, segundo a proveniência, de ovinos e caprinos que no Verão de 1962 utilizaram os «pastos do alto» de Loriga.

- 1 — Totais de cabeças de ovinos e caprinos.
- 2 — Zona dos «pastos do alto».

Rei, Muro, Vide não participam, pois os seus rebanhos são já bastante reduzidos e esta subida não parece compensadora quando não é absolutamente necessária. As licenças são caras (1\$50 por cabeça) e as soldadas também (6\$00 por cabeça); as pastagens estão muito empobrecidas e nos anos secos, como 1962, encontramos os gados de volta logo nos fins de Agosto; o estrume e o leite perdem-se... De cada aldeia são vários os criadores que entregam os gados a um dos dois pastores

contratados pela Junta. A análise das licenças permite fazer ideia do tipo de criação:

LUGARES	N.º de criadores, segundo os totais de cabeças entregues em 1962						
	< 10	10-20	20-30	30-40	40-50	50-100	> 100
Loriga	15	13	9	7	5	4	1
Valezim		1	4	2	1	1	1
Lajeosa		7	3	1			
Lagares		2	1		2		
Sandomil			1	2	3		
Santa Comba			3		1	1	
Torrozeiro			1	2			
Oliveira do Hospital			1	1			
Folgosa da Madalena		1		1			
Cabeça	2	1					
Alvoco da Serra		1		1	1	3	
Vila Cova					1		
Quinta de Vila Nova			1				
Penalva de Alva			1				

Dominam, portanto, quer na serra quer na Terra Chã, os criadores médios, para os quais o gado não representa mais a base dos rendimentos.

No pino do Verão, podemos encontrar ainda, lá pelos cimos, rebanhos de ovelhas brancas e pretas e de algumas cabras, ou procurando alimento por entre os blocos de granito ou abrigadas à sombra duma fraga mais vigorosa, amontoadas em «rodeio», quase imóveis. O tilintar dos seus chocalhos e o chamamento dos pastores, que a atmosfera leve da serra faz ressoar, dão certa vivacidade à paisagem, mas vivacidade que não é mais do que uma simples reminiscência dum passado pastoril que, por um conjunto complexo de circunstâncias, entrou em franca decadência em quase toda a serra da Estrela. Podemos acrescentar que também aqui, tanto a transumância a longa distância, entre a Terra Chã e a montanha, como a vida pastoril de montanha, entre os vales e os cimos, têm os seus dias contados. Apenas permanecem os movimentos estivais, a curta distância (vinte quilómetros), de menor duração e envolvendo só cabeças de gado miúdo.

O gado grosso, a partir de 1949, deixou completamente de participar na subida estival até à serra. As albufeiras construídas pela Empresa Hidroeléctrica ocuparam as melhores áreas de pasto: 60 000 m² no Covão Boeiro e 90 000 m² no Covão do Meio. Loriga, tal como Alvoco da Serra e Unhais da Serra, desenvolveu cedo a criação de gado grosso. Numa das actas da sua Junta de Freguesia (6-V-1949), ao ser referido o valor daquelas áreas, lemos: «aí se apascentam durante o Verão, anualmente, 6 mil ovelhas (nos nossos dias apenas cerca de 3 000) e 150 a 200 vacas». As obras prosseguiram, o litígio também, a vida pastoril desapareceu para as vacas, reduziu-se para as ovelhas, e o pedido de indemnização pelas regiões ocupadas permanece...

A INDÚSTRIA. SUA EVOLUÇÃO

Lanifícios — Nos fins do século passado, as pequenas empresas familiares de lanifícios estabelecidas em Loriga e em Alvoco da Serra fabricavam já grande quantidade de tecidos e cobertores, que nas feiras de Castelo Branco, Évora e Viseu encontravam os seus melhores compradores. Contando não apenas com os lucros ligados ao comércio da produção, mas ainda com capitais derivados dos negócios de gado, pouco a pouco se remodelaram tènicamente. Vulgarizam-se os teares mecânicos, levantam-se grandes construções onde se concentram todas as tarefas, até então dispersas por modestas palheiras das leiras vizinhas e muitas vezes arrendadas, alargam-se os estendedores pelas encostas soalheiras e menos declivosas, marcando assim profundamente a estrutura da periferia destes núcleos serranos. Para nelas trabalhar recrutam-se uma vez mais os técnicos especializados na Covilhã, e os operários entre a gente local, que de recomendável possuía sobretudo o gosto e um certo saber tradicional de fiação da lã. E assim, são ainda os trabalhadores do campo que, a troco dum salário fixo, dispersam, entre a fábrica e a terra e com fraca produtividade para aquela, a sua actividade e que constituem o dominante na massa operária.

Este surto industrial fez-se sentir também noutros núcleos vizinhos: numerosas tecedeiras de retalhos de lã aí trabalhavam subordinadas àquelas fábricas, onde os panos eram

ultimados. Em 1900, em Teixeira de Cima havia catorze que em Alvoco adquiriam o fio e entregavam a obra.

As dificuldades de comunicação e de transporte punham um problema importante a esta indústria florescente e progressiva. O escoamento dos artigos era difícil, muitas vezes feito com mueres pelas canadas utilizadas tradicionalmente pelos rebanhos nas suas deslocações estacionais. A estrada, vinda da Terra Chã e ligando a Unhais da Serra, desde longa data se fez sentir como necessária e foi amiudadamente pedida pelas entidades paroquiais. Construída lenta e interruptamente, só em 1938 se iniciou o último troço que completaria a ligação.

Com a primeira Grande Guerra, mesmo se de facto algumas fábricas paralisaram temporariamente quando lhes foi impossível importar a matéria-prima, no conjunto, a actividade industrial sofreu novo impulso, pois os mercados metropolitanos abriram-se largamente à produção nacional. E, como consequência, utiliza-se de dia e de noite a água dos ribeiros para fazer mover as pesadas rodas. Nos anos 1916 e 1917 surgem múltiplas questões respeitantes à ribeira de S. Bento, apresentadas à Junta de Freguesia de Loriga pelos agricultores, que sentiam bastante a falta das águas desviadas pelos industriais. Impunha-se uma nova regularização. Foi então estipulado que todos os campos situados acima da ribeira da Cerejeira utilizariam as águas das 10 h às 16 h; entre esta e a fábrica das Tapadas, das 9 h às 16 h; daqui até à fábrica da Estrela, entre as 8 e as 17 h; para sul, até à fábrica da Redondinha, das 7 h às 17; daí para baixo das 6 às 18 h. Aos sábados, a água da ribeira era reservada na totalidade à levada dos Montezinhos e durante todas as noites ficava para as fábricas. Esta regularização era necessária apenas no Verão, quando a rega é uma das maiores preocupações do camponês. Mesmo assim, alguns prédios continuaram a ser deficientemente regados, sobretudo se surgiam muitos dias de forte calor e secura. Lembremos que durante o Verão de 1917 (talvez excepcionalmente quente e seco) alguns proprietários pediram licenças urgentes à Junta de Freguesia para utilizarem de dia e de noite a água da ribeira das Tapadas, pois as culturas estavam em risco de secar. No Inverno, só os prados devem ser limados, e assim, durante o dia, entre as 6 h e 18 h, fábricas

e moinhos utilizavam livremente as águas da ribeira de S. Bento.

Para o período 1926-1931, podemos formular uma ideia quantitativa da produção das fábricas loriguenses, sabendo que aí foram trabalhadas «60 000 arrobas de lã preta e 12 000

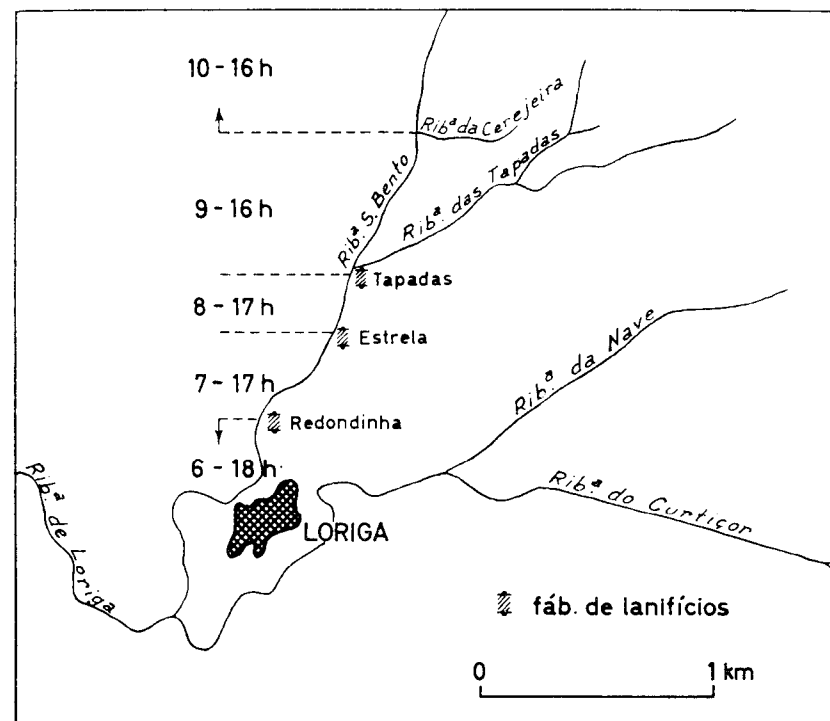


Fig. 6 — Localização das fábricas de lanifícios ligadas à ribeira de S. Bento e horário de Verão de utilização das águas (1917).

de branca» por cerca de 120 operários, ou seja quase 225 toneladas por ano.

Entretanto, em Alvoco, as fábricas afastavam-se cada vez mais do ritmo acelerado de produção que dominava Loriga. Tendo morrido em 1917 o Barão de S. Domingos, a quem se devem as primeiras tentativas de modernização, as fábricas de Alvoco continuaram em funcionamento mas associadas a industriais da Covilhã. Esta associação era vantajosa porque reduzia a concorrência da própria Covilhã, de Tortozendo e doutros centros industriais. Com o afastamento e o desinteresse

cada vez maior dos descendentes daquela família, veio a decadência quase completa da indústria local. De proprietário em proprietário, de dirigente em dirigente com orientações diversas, vão-se limitando a um trabalhar intermitente, cada vez mais ocasional, que pode movimentar ainda, e por empreitada, dois teares manuais. Este trabalho modesto e o próprio aspecto das construções, com as portas fechadas, os vidros das janelas partidos e as rodas de madeira imóveis, lembram hoje o passado industrial da povoação, sem grande importância, e anunciam o fim bem próximo de algum vestígio que sobrevive.

Em Loriga a indústria tinha-se enraizado profundamente. Capitais oriundos do Brasil, e de parte dos filhos da primeira geração de industriais que emigraram, apoiaram-na nas épocas de crise. A guerra civil de Espanha criou no país vizinho um franco mercado à produção têxtil das fábricas portuguesas. Muitos cobertores e tecidos, passando facilmente a fronteira, trazem, pela sua venda, lucros sensíveis. Mas este período é de curta duração, e mais uma vez a uma época prometedora se sucedem anos difíceis. Em 1938 surge uma crise de desemprego que a Junta procura remediar através de trabalhos de momento, como a reparação dos poços da serra, de levadas, etc. Esta situação mostra-nos portanto que grande parte da população de Loriga vivia desligada da terra e na dependência total dum salário.

A partir de 1939 tornou-se fácil utilizar a energia hidroeléctrica e, através de contratos trienais, estabelecidos entre a Empresa e as fábricas, cada uma delas poderia consumir um máximo de 25 024 kw anuais ao preço de \$40/kwh, acrescido de uma taxa de 2 p. 100. Mas a modernização, então acessível, não pôde efectivamente realizar-se de um modo rápido e eficiente: havia que renovar todo o material e adaptar um pequeno grupo de operários, sem preparação adequada, a um estilo de trabalho diferente. Compraram-se na Covilhã alguns teares usados e requisitaram-se aí, mais uma vez, os melhores técnicos. A segunda guerra mundial acentuou este novo impulso, eliminando a concorrência estrangeira e aumentando o poder de compra daqueles que o volfrâmio fizera enriquecer. Em 1942, eram 221 os operários de Loriga sindicalizados; em 1945, 273 e em 1947, 303; mas em 1950 o seu número descera para 270, e desde então pouco aumentou.

A organização sindical, iniciada em 1936, veio garantir uma relativa estabilidade à vida operária, na medida em que estabelecia um horário e um escalão de ordenados. Ao mesmo tempo, permitiu que os patrões escolhessem a sua mão-de-obra entre aqueles que, desligando-se do cultivo das leiras, optavam pela condição de operários. A nova classe social torna-se cada vez mais numerosa, mas muitos procuram uma melhor situação noutros lugares e noutras empresas.

Distante dum importante núcleo consumidor e sem acesso fácil, Loriga desenvolveu e conservou apenas pequenas empresas particulares, cujos proprietários se vão muitas vezes afastando do fabrico de têxteis, desinteressando-se quase totalmente, mandando os filhos tirar cursos superiores em Coimbra, no Porto ou mesmo em Lisboa, e dispersando noutros ramos algum lucro conseguido. Ora esta sangria financeira, limitando as possibilidades de modernização e de melhoria de equipamento, sempre demasiado oneroso para pequenos empresários separados em rivalidades, conduz indirectamente a uma baixa de rendimento e acentua a decadência. Um círculo vicioso tece-se em ritmo acelerado e cada vez menos se suporta a concorrência doutros centros, igualmente votados aos lanifícios, como Covilhã, Tortozendo, Unhais, Seia, Vodra ou S. Romão: as máquinas são muitas vezes as de há 80 anos, trabalham lentamente e requerem muito pessoal; os tecidos produzidos, pouco modernos, satisfazem apenas compradores não exigentes mas que também não pagam bem; os lucros são pois modestos. Entretanto, aqueles centros conseguem, por uma activa automatização das máquinas, lançar tecidos mais finos a preços mais baixos, embora empregando mão-de-obra que, por especializada, é naturalmente mais cara.

Se nos nossos dias a situação económica de algumas fábricas de Loriga não se revela claramente desequilibrada, tal facto resulta da concorrência oferecida por outros produtores nacionais ter sido reduzida desde que as grandes empresas orientaram a produção para os mercados estrangeiros. Toda a Europa industrial conta com mão-de-obra que, habituada já a um nível de vida bastante superior ao exigido pelo operariado português, encarece consideravelmente os têxteis. As maquinarias modernas e automáticas difundem-se sem dificuldade e as condições nacionais de competição são portanto sempre

favoráveis. Loriga encontra, como consequência, os mercados regionais abertos largamente à sua produção. Sente-se um ânimo novo no trabalho de algumas das suas fábricas (Leitão & Irmãos; Nunes & Brito) e, com ele, a esperança de remediar o saldo negativo que os anos de estagnação acentuaram. Trabalhando por encomenda e armazenando sempre pequenas quantidades de lãs e fibras variadas, garantem uma venda certa e um ganho que, embora modesto, evita entretanto a falência, o abandono total, perspectiva que chegara a encarar-se como um fim próximo.

Outras indústrias — A facilidade de obtenção de fio e de mão-de-obra habituada a lidar com lãs fez instalar na Loriga, em 1950, uma nova fábrica que trabalha em malhas (Nunes & Abreu, Lda.). Hoje a matéria-prima, fibra e lã, é toda importada. Inicialmente contou apenas com duas máquinas manuais, para malhas grossas, e duas mecânicas, para as mais finas, mas possui já outras automáticas, bastante perfeitas, importadas da Bélgica e que executam segundo modelos de determinadas medidas, evitando os desperdícios sempre dispendiosos. A introdução destas máquinas estrangeiras, pouco comuns, cria dificuldade em encontrar bons maquinistas, e a aprendizagem, reduzindo a produtividade, afecta bastante o equilíbrio económico da empresa. Em 1962, esta empregava 47 operários, dos quais 37 eram mulheres. Actualmente dá trabalho a 80 operários, na maioria raparigas com muito gosto e brio nas suas tarefas sempre delicadas. Os salários diários estão compreendidos entre 32\$00 e 45\$00 para os maquinistas, 21\$00 a 30\$00 para as empregadas e 9\$00 a 21\$00 para as aprendizas. A situação económica, ainda muito desequilibrada devido à forte modernização recente, não desanima os seus proprietários que, conhecendo-a em pormenor, aguardam com coragem alguns meses para alcançar uma produção normal e os lucros correspondentes. Para esta empresa, não se pode falar em crise e atavismo. Os mercados estão garantidos e mesmo a concorrência com as da Figueira da Foz não representa dificuldade.

Ainda subordinada à indústria dos lanifícios, e procurando satisfazer as modestas exigências de oficina duma daquelas fábricas, surgiu, por iniciativa dum dos familiares, em 1935,

uma pequena serralharia, com um torno e, ao todo, três empregados. Em 1939, a exploração das minas da Panasqueira fez desdobrar e intensificar bastante a sua actividade. Foram construídas novas instalações, agora junto da estrada de Seia a Unhais, e montados tornos modernos; empregavam-se aqui 11 operários (Pedro Vaz Leal & Filhos, Lda.). Em 1962 eram 33, mas 70 p. 100 da actividade da oficina ligava-se ainda àquelas minas. Hoje trabalha fundamentalmente para a Siderurgia Nacional.

POVOAMENTO

Quando as casas de habitação são de pedra, e portanto duráveis por séculos, as transformações verificadas na economia rural não afectam logo em seguida as formas de povoamento. Mas, se a população aumenta, nada justifica que as novas famílias não procurem habitar mais perto das terras de cultivo ou de pasto, fazendo desdobrar as primeiras aldeias ou criando uma dispersão por quintas e casais.

Vimos atrás como nos vales de Loriga e de Alvoco da Serra a vida pastoril se estendeu a horizontes mais largos e depois cedeu perante os novos interesses de cultivo da terra. Ora esta evolução da economia regional, esta colonização recente dos dois vales, que uma comparação das paisagens actuais com as deduzidas para o século XVI bem evidencia, traduziu-se claramente no povoamento.

Alvoco da Serra tem hoje aspecto de aldeia serrana privilegiada, com casas brancas ou coloridas, de andar, mais ou menos pretensiosas, bons arruamentos, um largo, uma igreja e uma capela, e tudo isto demonstra um certo desafogo, não actual mas também não muito antigo, porque as construções e as suas pinturas não estão ainda muito gastas pelos anos (est. VIII).

Loriga apresenta mesmo certa feição urbana. O êxito da indústria contribuiu para a modelar, criou uma burguesia mais ou menos ilustrada, um sector terciário numeroso, especialmente no campo comercial, e uma massa importante de operários sem casa nem horta, portanto desligados da terra, da agricultura e do gado, bem como numerosos artífices. Em 1944, 42 p. 100 do total das famílias pertenciam aos sectores

secundário e terciário ⁽¹⁵⁾, estrutura social que se mantém (50 p. 100 dos eleitores recenseados). Ao lado das habitações rurais, humildes, onde vivem agricultores proprietários ou simples trabalhadores das terras alheias, vêem-se outras, menos modestas, de operários, e algumas de estilo já citadino, sem originalidade, pertença da classe economicamente superior. Um grande amor à terra, mesmo certo «bairrismo», prende aqueles que, nascidos aqui, organizaram a vida noutros lugares, e Loriga e a serra são para eles os sítios ideais para passar as férias. Assim, no Verão, a vila reanima-se com os estudantes de ontem e de hoje e o clube, o café e os passeios à Torre, de automóvel ou a pé em direcção à Garganta, unem, numa incomparável camaradagem, loriguenses e gente de fora que a visite.

Descendo, os vales apertam-se. Por vezes, onde o xisto é mais duro, tornam-se rudes, sombrios, descarnados, e a água corre lá muito no fundo, num leito entulhado de pedregulhos escorregados das vertentes. As palheiras escasseiam e a área soalhada estreita-se, desaparecendo mesmo as manchas de cultivo já meio abafadas pelo pinhal.

Um pouco a jusante de Loriga, numa rechã, Cabeça, aldeia de xisto que ainda conhecemos com os seus telhados de ardósia brilhando ao sol, como placas espelhentas denunciando a presença dum aglomerado humano que a cor da pedra das paredes leva a confundir com a paisagem natural que a rodeia (est. IX), mantém uma feição rude, fechada, estranha, tal como Muro, Teixeira de Baixo ou Aguincho. A Quinta da Peliteira, hoje despovoada, constituiu até há pouco um pequeno núcleo de algumas famílias, ligadas à Cabeça por descendência, e que à sua igreja iam à missa. Outeiro é um outro núcleo, também de casas de xisto, muito semelhantes exteriormente às habituais palheiras, apenas com melhores janelas de guilhotina, instalado na encosta soalheira. E uma vez mais é a capela que, pela brancura da cal que a reveste e o avermelhado do telhado, quebra a vulgaridade destas aldeias, monótona mas típica, como um elemento exótico, trazido de longe, numa terra mimosa, verde e rica mas muito menos grandiosa.

Continuando para jusante, sempre na margem direita,

⁽¹⁵⁾ Eng. MANUEL DE MELO, ob. cit.

encontramos outros povoados: Casal do Rei, de ruas muito inclinadas, por vezes cobertas de lascas de xisto enterradas a pino, mantém também uma feição rude à qual se junta o não menos rude aspecto das gentes, votadas desde sempre a um certo isolamento, de horizontes limitados pelas alturas dos interflúvios, isolamento que persiste pela ausência de estradas que substituam os maus caminhos que o ligam à Cabeça e à Barriosa; Muro, que se distribui na encosta segundo as curvas de nível, entre o pinhal e os campos de milho.

As vertentes do vale da ribeira de Alvoco são, no conjunto, muito mais suaves. Aqui, já perto do fundo, encontramos pequenos povoados, quase exclusivamente ligados à utilização dessas terras mais frescas e ricas. Estão neste caso Espinho, Aguincho, Frádegas. Nas encostas, elegendo os sítios mais abrigados e soalheiros ou os menos declivosos — bacias de recepção dos barrancos e ribeiros subsidiários —, localizam-se outras aldeias, maiores e compactas, como Outeiro da Vinha (est. X), Fontão, Vasco Esteves de Cima (est. XI) e de Baixo, Teixeira de Cima e de Baixo, Balocas, Baiol, Gondufo.

Perto da confluência, numa vasta rechã a 340-350 m, a Barriosa, com um certo comércio de nível elementar e uma estrada moderna que vem de Vide, tem funções de pequeno centro regional. Foi a construção da estrada que fez desenvolver esse comércio ao facilitar a exportação dos produtos da terra, sobretudo provenientes das aldeias mais serranas de montante. É lá que se vendem as batatas, o vinho, a aguardente, e é também lá que se compra a «cevada» ⁽¹⁶⁾, açúcar, arroz, petróleo.

Barriosa rivaliza com Vide, que pela sua situação mais próxima das terras baixas e numa ribeira de vale largo é, desde há muito, um centro agrícola e florestal de certa importância. Lá se encontram as gentes de todos os povoados que se dispersam ao longo dos muitos barrocos e das ribeiras de Mel, do Piódão, de Balocas, de Loriga, de Alvoco da Serra e da Teixeira, ou no adro da igreja, depois da missa dominical, ou nas festas da Senhora Padroeira, ou no mercado mensal. Vide teve funções concelhias de que hoje apenas

⁽¹⁶⁾ Cevada torrada, usada como café.

restam ténues recordações entre os mais velhos, a lembrança da Casa da Câmara, da cadeia, do pelourinho...

Remontemos ao século XVI. Então, já existiam as vilas de Loriga e de Alvoco da Serra, às quais D. Manuel I concedeu foral em 1514, e a de Vide.

Em 1527 ⁽¹⁷⁾ a vila de Loriga tinha 78 moradores (famílias, fogos) e a de Alvoco da Serra 46; mas no termo desta viviam ainda mais 3 moradores no lugar da *Barryosa* e 1 na *Qyntã da Teixeira*. Vide contava apenas 9 moradores. Nos lugares de Gondufo e Cide viviam respectivamente 7 e 4 famílias.

Também à sombra da montanha, Valezim concentrava 60 moradores e Vila-Cova-à-Coelheira 44. Ao mesmo tempo, as vilas de *São Damyll* (Sandomil), *Penallua de Riba Dalua* (Penalva de Alva) e *Da Voo* (Avô), mais próximas da Terra Chã, apresentavam já uma saliente dispersão em múltiplos casais e póvoas, como se vê da transcrição seguinte:

A Villa de São Damyll

Na dita villa e seu termo viuem moradores	99
Assaber na villa	80
E nas corregas	3
E em çazes	15
E no casall do furtado	1

Vila de Penallua de Riba Dalua

Na dita villa e seu termo viuem moradores	128
Asaber na villa vyuem	28
E no termo ha os lugares segujntes	
Item o lugar de são gyão	54
o lugar daluoco das varzeas	29
no lugar do avellar	8
a pouoa do souerall	1
a pouoa de Rio de Mell	1
a pouoa da carualha	5
a pouoa das calldas	2

⁽¹⁷⁾ *Cadastro da População do Reino (1527). Actas das Comarcas Damtre Tejo e Odiana e da Beira*, publicado por MAGALHÃES COLAÇO. Lisboa, 1931.

A Villa Da Voo

Na villa da voo e seu termo viuem moradores	255
Asaber na villa viuem	59
em amseryz	43
em o lugar daldea	49
em samta ovaya	30
em o lugar do fundão	20
no casall do callquorrynho	2
em o casall dos chãos degoa	5
no casall do piodão	2
no casall do souto da Rujua	3
no casall do souerall	8
no casall da gramaça	4
no casall do vall das macieyras	5
no casall de barroyvina	1
no casall da moura	5
no casall das pocas	1
no vallado	2
nas casaryas	2
na sagarçosa	2
na do barregeiro	3
na foz da mona	2
na fygeyra	1

Infere-se um nítido contraste entre o povoamento em grandes aldeias das zonas mais altas e a multiplicidade de lugares, lugarejos, casais e póvoas das terras mais baixas. Para esta data não conhecemos qualquer referência aos muitos outros núcleos que hoje se situam ao longo dos vales, tais como Frádegas, Aguincho, Cabeça, Queiroz, Alentejo, Parceiro, etc., estabelecendo uma certa ligação entre aqueles.

Poderemos portanto supor que nos últimos séculos, e a partir principalmente das terras agrícolas vizinhas da serra, se foi processando toda a colonização das encostas. Os vales teriam constituído as vias mais fáceis para a penetração na massa da montanha. Nas suas secções menos apertadas era possível uma agricultura capaz de alimentar as novas famílias, mais ou menos numerosas.

Mas não teriam sido antes duas correntes humanas convergentes que, descendo e subindo, deram as gentes que constituíram os primeiros povoadores?

As exigências duma família serrana não eram muitas: umas cabeças de gado, terra para arrotar e cultivar centeio,

umas leiras para o linho, uma casa tosca. Modestos casais dispersaram-se no meio dos matos, parecendo aventurarem-se sòzinhos à sua valorização. Junto destes, outros, apoiados por laços de parentesco ou só pela companhia, foram surgindo e pouco a pouco uma nova aldeia se formou. As aglomerações designadas por casal no século passado, ou ainda hoje, testemunham esta evolução. Citemos os casais da Cabeça, do Rei, do Outeiro da Vinha, de Vasco Esteves, da Teixeira. Estes últimos dizem-nos mesmo quem foi o primeiro morador: junto da casa de um Vasco Esteves, de um Teixeira, outras casas e palheiras se construíram, ou à mesma cota e esboçando um certo arruamento ou amontoando-se caòticamente.

É de crer que a invernada não atraísse os criadores que, preferindo vigiar de perto o seu gado, lhe procuravam pastagens pelas encostas mais baixas, menos afectadas pelas neves e onde a vida pastoril era possível durante todo o ano. Aí construíram as palheiras, temporariamente ocupadas por pastores e gados. O primeiro passo estava dado e o aumento demográfico determinaria o resto.

O isolamento impôs-lhes uma economia fechada e laços vivos de fraternidade: em todas as novas povoações a ajuda mútua é ainda comum; a eira do povo, fàcilmente localizável, embora em muitas já se não malhe centeio; o forno do povo continua acessível a todos os moradores que, directamente ou por intermédio dum forneiro a quem pagam a «poia», aí cozem a «broa».

Entretanto, as terras fundas dos vales pouco interessavam: as vertentes eram íngremes demais e a água para o gado beber encontrava-se em qualquer nascente próxima.

Vasco Esteves de Cima, Vasco Esteves de Baixo, Teixeira de Cima e Piódão têm capela desde meados do século XVI, o que nos leva a admitir que a corrente de colonização descendente é antiga e deve ter sido influenciada pelo estender dos privilégios da Mesta até aos nossos criadores de gado durante o domínio Filipino⁽¹⁸⁾.

Nos fins do século XVIII e na primeira metade do século XIX já existia um povoamento disperso pelos vales e pelas encostas, semelhante ao referido em 1527 para as terras baixas.

São então assinalados todos os núcleos actuais. Aguincho, Espinho, Governas, Peliteira, Canas, Muro eram quintas; as maiores devem-se à acção de senhores afortunados que, a partir de heranças ou por compra de terrenos e com o trabalho de muitos assalariados, construíram uma vasta escadaria de leiras onde não faltava água para lameiros e milhos; e ainda, as casas dos trabalhadores, as palheiras para gados e palhas, tudo disposto numa forma não irregular mas estruturada em torno dum terreiro, centro habitual de convergência do pessoal, dos animais e dos produtos da terra. Abrigavam uma mão-de-obra permanente, de remuneração modesta em produtos da terra e dos gados. Com o decorrer dos anos, volveram-se em lugarejos. Citemos como exemplo o Barão do Alvoco e a sua Quinta do Aguincho, que em 1877 tinha 11 fogos, em 1900, 14, e que atingiu o seu máximo populacional em 1940, com 24 fogos. A distância que a separava de Alvoco, já por si afastada de centros urbanos capazes de satisfazerem as exigências sociais dos seus proprietários, levou estes a interessarem-se só pelas rendas. Logo, abandono, rotina e miséria para os humildes trabalhadores, que continuam amarrados a uma terra que não lhes pertence mas cujos donos também não conhecem. As quintas foram menos numerosas no vale de Loriga que, por mais apertado, é pobre em terras regadas. Em todo o caso podemos citar algumas: Fontão Covo, Feiteirinha, Fontanheiras, todas na freguesia da Cabeça e hoje despovoadas, e ainda a quinta do Muro.

Também, por todo o século XIX, são referidos outros lugares próximos da secção inferior dos cursos de água subsidiários destas ribeiras: Teixeira de Baixo, Frádegas, Ribeira do Fontão, Ribeira de Balocas, Rodeado e outros. Tal como as quintas, devem corresponder a uma vaga de melhores agricultores que, partindo das terras baixas, subiam o vale em direcção à serra, aproveitando os terrenos mais ricos de água e difundindo uma agricultura muito semelhante à das zonas húmidas do Noroeste, com base no milho grosso, e à qual não faltava sequer o estrume dos bovinos; mas podem corresponder também a um desdobrar dos núcelos de montanha, pela conversão, em casas de morar, das palheiras das terras frescas e fundas mais recentemente arroteadas.

(18) O. RIBEIRO, ob. cit.

Teixeira de Baixo, Ribeira e Rodeado são certamente mais modernas do que Teixeira de Cima, Balocas, Gondufo e Cide. A superioridade numérica da população destas últimas foi sempre evidente. Em 1527 a *qyntã* da Teixeira (Teixeira de Cima) tinha um morador, Gondufo 7, Cide 4. Se analisarmos os registos dos casamentos celebrados na paróquia de Vide, entre 1843 e 1859, segundo a origem dos noivos, podemos aproximadamente confirmar a relação das suas populações para aquele período. Assim, do Rodeado contam-se 2, da Ribeira 9, do Gondufo 16 e de Balocas 30. Em 1877 Balocas tinha 28 fogos e Ribeira 11; em 1890, 31 e 15 respectivamente. Em 1890, Gondufo tinha 48 moradores, Casas Figueiras 19 e Cide 26, mas Rodeado apenas 14 e Coucedeira 9. Em 1900, Teixeira de Cima era um importante aglomerado, com 60 fogos, enquanto que na Teixeira de Baixo viviam só 19 famílias. Ainda hoje, todas as aldeias situadas perto da bacia de recepção dos vários ribeiros e barrocos, convergentes nos vales principais, mantêm superioridade demográfica relativamente às outras de jusante. Os pequenos núcleos antigos aumentaram também bastante a sua população: Barriosa, que em 1527 tinha 3 moradores, era já um bom aglomerado em 1877, com 43 fogos. Frádegas tinha então 4 fogos, mas 27 em 1940 e 48 em 1960.

Todas estas transformações regionais do povoamento, que esboçámos para os últimos quatro séculos, nos parecem ligadas ao aumento demográfico e à evolução das bases da economia rural com as suas novas estruturas e paisagens, por sua vez causas e consequências de duas correntes humanas difundidas em sentidos opostos e, portanto, com interferência e sobreposição de efeitos: a mais antiga, constituída essencialmente por criadores de gado, que na meia encosta encontravam pastos, durante o Inverno para os da montanha e durante o Verão para os das terras baixas; a outra, dos fins do século XVIII e de todo o século XIX, coincidiu com a difusão da cultura do milho e a extensão do regadio. Com esta, sobrepôs-se ao velho povoamento aglomerado e ao longo dos vales uma certa dispersão. Mas o atavismo da agricultura, a decadência do pastoreio e da criação de gado, a arborização dos baldios, o isolamento, e ainda as novas perspectivas de encontrar tra-

balho melhor remunerado noutros locais, fizeram já muitos sair da terra e abandonar pouco a pouco as casas. Este moderno povoamento misto tem pois tendência a degradar-se, pelo desaparecimento da dispersão intercalar, cada vez menos densa, e pela redução das populações dos aglomerados, redução selectiva no duplo aspecto do isolamento dos lugares e da idade das gentes.

Em 1900, na freguesia de Alvoco da Serra foram recenseadas 87 pessoas dispersas pelas quintas de Espinho, Canas, Couço, Torno, Catraia, Malhadinha, Pavão, Ribeiro Fontão, Santa, Várzea do Lagar e Várzea Romana, hoje quase todas despovoadas. Feiteirinha e Fontanheiras, anexas à Cabeça, estão igualmente despovoadas. Também muitos lugares de Vide vão pouco a pouco perdendo os seus moradores. As cóngruas paroquiais relativas ao ano de 1964, quando comparadas com a população de 1940, permitem-nos fazer uma ideia, se bem que aproximada, da estagnação e decadência de certos núcleos. O lugar de Cide tinha 64 famílias e ainda 8 nas Fontes mas hoje apenas 39 pagam cóngrua: 34 de Cide, 4 das Fontes e 1 do Vale. No Gondufo, as 26 famílias passaram a cerca de 13, nas Baloquinhas as 45 a 29, nos Carvalhinhos as 16 a 6, na Coucedeira as 39 a 12, no Silvadal as 56 a 40, no Barroco das Malhadas as 29 passaram a 5. A Foz de Regueira, onde em 1911 viviam 27 pessoas, tem hoje só um habitante.

Escapam entretanto a esta tendência geral apenas as aldeias onde a indústria é importante (Loriga), as que, por obras de rega, aumentaram nos últimos anos a produtividade da terra (Muro) e aquelas cuja população é razoavelmente recompensada nos trabalhos da floresta e das estradas (Vide).

Os mapas das figs. 7 e 8 procuram traduzir cartograficamente todas estas transformações mas a falta de minúcia e a variação de critérios na apresentação dos resultados dos recenseamentos tornam impossível uma rigorosa representação, que ficará aquém da descrição.

ACTUALIDADE E PERSPECTIVAS

Grandes foram as transformações que nos últimos séculos afectaram a economia rural da região. Pouco a pouco, a criação extensiva de gados foi substituída por uma actividade essen-

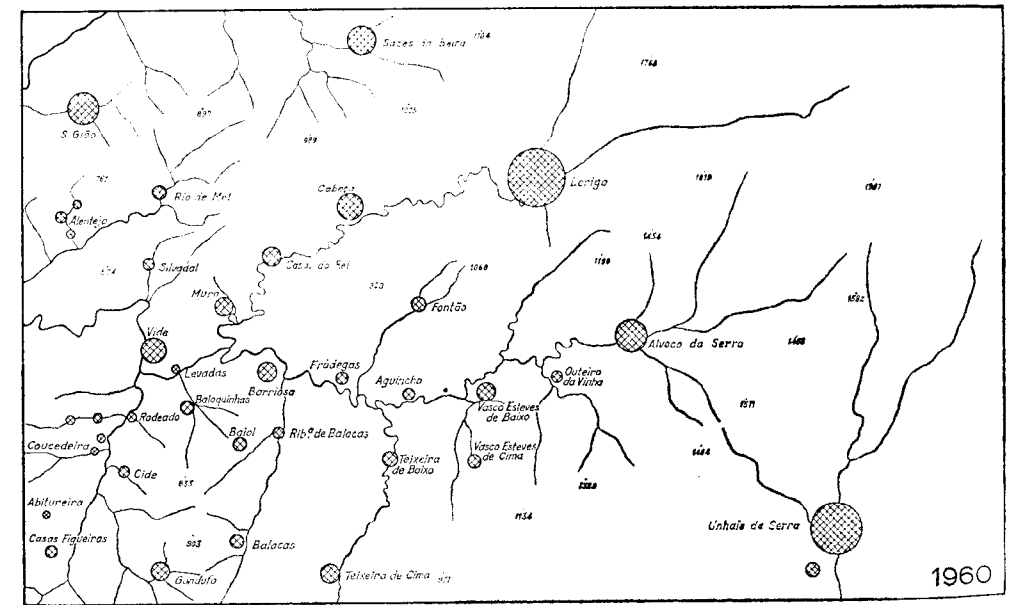
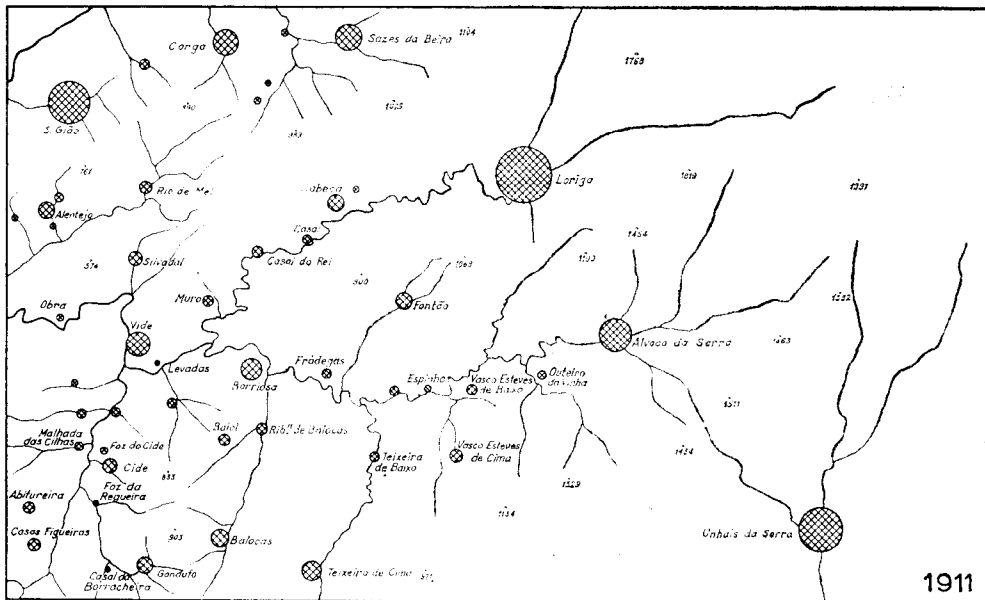
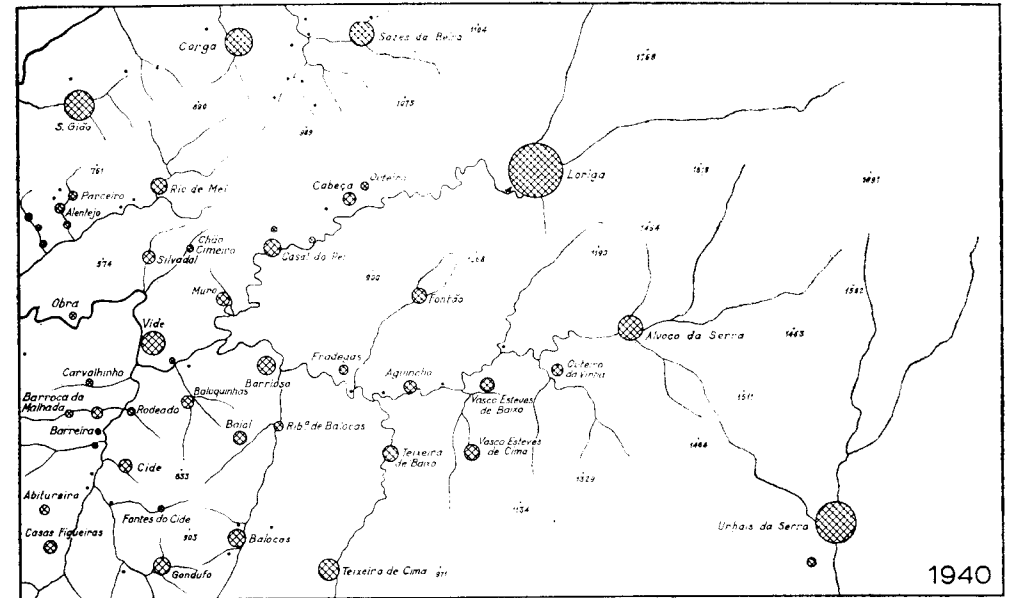
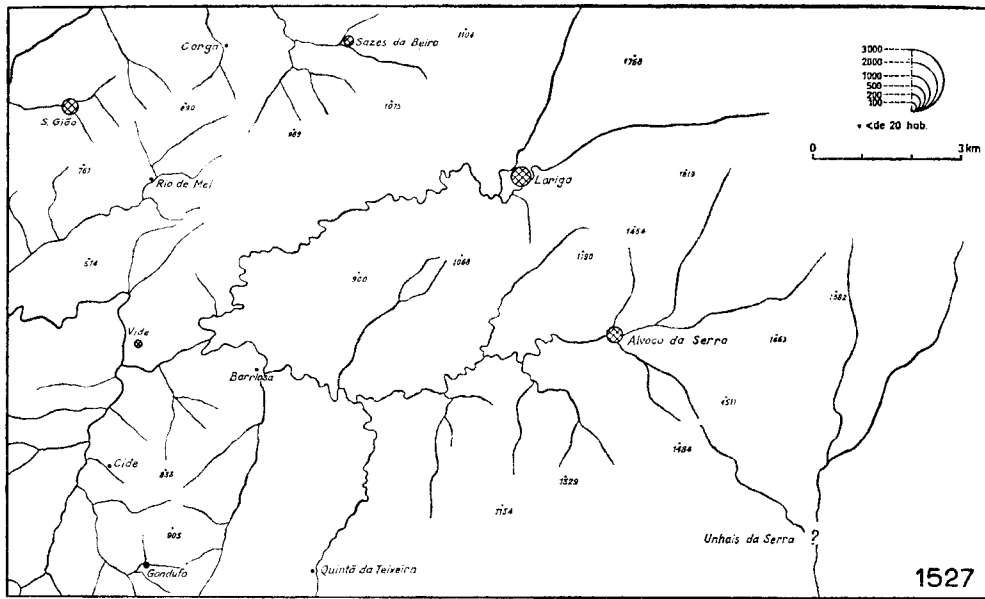


Fig. 7 — Evolução do povoamento.

Fig. 8 — Evolução do povoamento.

cialmente agrícola. A transumância com invernada e subida estival à serra desapareceu há muito; a vida pastoril de montanha, com deslocações entre os cimos e os vales, desapareceu também para algumas aldeias. Uma perfeita e regular escadaria de patamares de culturas acompanha os barrancos e digita-se complicadamente pelas encostas. O verde vivo do milho ou do prado, o verde-acinzentado do olival, a outonal folhagem multicolor das vinhas contrastam com as manchas escuras do pinhal desenvolvido sobre as encostas e com algumas extensões de mato mais ou menos degradado pelo pastoreio ou pelos trabalhos para a sementeira de pinheiros.

Em relação à área cultivada, a densidade populacional pode todavia considerar-se muito elevada. O grande isolamento de certos núcelos restringiu a comum emigração. Apenas Loriga tem importante colónia no Brasil (Manaus e Pará) e Alvoco na Argentina; mas Loriga e Alvoco eram lugares de indústria de lanifícios e os contactos e o capital ligados a esta actividade facilitaram as viagens e desenvolveram a ambição. Quase todos os filhos da primeira geração de industriais buscaram fortuna noutras terras. Em Alvoco, desde 1910, apenas se construíram seis casas novas e de emigrantes. Nos outros pequenos núcleos do vale as casas de «Brasileiros» são raras. O Brasil e a Argentina eram, no entanto, apenas acessíveis aos mais afortunados. De Loriga e de Alvoco saíram muitos outros que, com uma preparação adquirida em família, onde sempre se fiou e teceu, ou na fábrica, encontraram fácil colocação nos centros industriais mais modernos e economicamente mais seguros. Loriga conserva hoje cerca de 400 operários mas muitos outros trabalham nas fábricas de têxteis de Sacavém e Moscavide e ainda em Lisboa, na Polícia, na Companhia União Fabril, na construção civil. Alvoco tem mais de 200 famílias vivendo na capital. Das Teixeiras e do Piódão saem também para a Borda d'Água, onde, desde o S. Miguel até ao S. Pedro, labutam nas vinhas e no arroz. Muitos do Aguincho encontraram ocupação nas minas da Panasqueira. Da freguesia de Vide cerca de 500 homens dispersam-se por Lisboa, embora trabalhando geralmente nas docas de Alcântara. Alguns núcleos despovoam-se completamente. Na Foz da Regueira há só uma velhota (1964). Na Coucedeira os homens ainda activos têm mais de sessenta anos. Na Fon-

tanheira e na Feiteirinha já não vive ninguém. Saem famílias inteiras, saem apenas os homens ou mesmo só as raparigas que vão servir para os centros urbanos próximos ou para a Capital.

Este esvaziar das povoações, esta sangria na gente nova, activa, corajosa e mais empreendedora, vai reduzindo muitas aldeias quase só a velhos e reformados, afastados da família e esperançados num melhor futuro para os filhos e netos. Mas a geração que parte não esquece facilmente o mundo onde cresceu, e aí torna todos os anos pelo Natal ou pelo Verão. Conta com alguns mimos caseiros e oferece outros da cidade.

O aspecto das aldeias pode, pois, ter melhorado. A escola, a igreja paroquial, a capela, algumas casas particulares, podem traduzir um bafo de civilização moderna que alcançou estes recantos, mas muitas habitações ficam fechadas quase todo o ano; muitas terras ficam de relva, porque ou não há quem as cultive ou as diárias dos jornaleiros ultrapassam as possibilidades de quem as deve pagar; não se constroem mais socalcos e os destruídos pelas enxurradas nem sempre são refeitos... As perspectivas são portanto muito incertas. A única riqueza que da serra se espera está na floresta, mas esta na sua maior parte não é pertença individual, nem mesmo da freguesia. Quando muito, e se algumas serrações forem montadas, oferecerá trabalho. Se toda esta evolução não se fez ainda sentir fortemente é porque as obras ligadas à instalação do Radar da Torre, às barragens da Empresa Hidroeléctrica, à abertura e remodelação de estradas e ainda à floresta — desde o roçar do mato e o seu alinhar segundo as curvas de nível até à sementeira do penisco e à construção de viveiros e moradias para os empregados — garantem, entretanto, às populações que ficam, salários regulares. Juntamente com o dinheiro da venda de alguns pinheiros das tapadas e das cabeças de gado, permitiram uma modernização quase geral das casas: nas coberturas a lousa deu lugar à telha de Marselha; as portas e janelas foram cuidadosamente pintadas; as paredes muitas vezes são já cobertas a cal. Nos últimos anos o aspecto das aldeias mudou quase completamente, embora a maldição da pedra continue presente nos cabeços, na pequenez dos campos, no calcetamento das ruas, ou no carácter maciço das paredes.

E, se olharmos de longe, ficamos com a impressão de um mundo maravilhoso, ameno, mais fértil e muito menos pobre do que na realidade é. O momento é na verdade de transição...

CARMINDA CAVACO E ISABEL MARQUES

RÉSUMÉ

Les vallées de Loriga et d'Alvoco dans la Serra d'Estrela. Étude de géographie humaine. Par son altitude et sa relative proximité de l'océan, la Serra d'Estrela forme un chateau d'eau d'où s'échappent des rivières nombreuses dans toutes les directions. Les rivières de Loriga et d'Alvoco da Serra s'écoulent sur son versant sud-ouest et relient le haut plateau de Torre aux basses terres drainées par l'Alva.

Leur paysage est fait de la juxtaposition de hautes surfaces granitiques aux sols pauvres et à la végétation maigre, mais où des cirques glaciaires conservent, même au coeur de l'été, sur leurs fonds de sable, un frais tapis herbeux qu'utilisent des troupeaux chassés en hiver par la neige — et de versants abrupts, généralement schisteux, souvent décharnés et couverts de forêts, plongeant vers l'entaille profonde des rivières. De multiples terrasses de cultures irriguées, parsemées de vigne et d'oliviers, s'insinuent au long des étroites franges alluviales et grimpent çà et là en profitant de l'entaille des ravins. De petits villages serrés se nichent dans des sites abrités ou ensoleillés, souvent dans les lieux de confluence, tandis que d'impressionnants vides humains correspondent aux endroits où la vallée se resserre en une gorge sauvage. Les zones cultivées sont ponctuées de petites cabanes très semblables aux maisons des villages, où sont entreposés outils et récoltes (les «palheiras»).

Les deux villages de Loriga et d'Alvoco, qui sont les agglomérations principales de tout le cours supérieur, ont un site analogue au débouché des bassins de réception des deux rivières. A l'aval, vers le confluent de celles-ci, se trouve un autre village important, Vide. Ces villages sont anciens. Loriga et Alvoco reçurent des chartes au temps du roi Don Manuel (1514), alors qu'ils n'étaient peuplés que de bergers et de charbonniers. Leurs troupeaux montaient l'été sur la montagne et descendaient l'hiver vers le bas-pays, parfois jusqu'en Basse Beira ou dans le Haut Alentejo, tandis que des troupeaux de la plaine montaient aussi sur les hauts plateaux pendant l'été.

Outre l'élevage, on pratiquait la culture du seigle sur brûlis, on fabriquait du charbon de bois, on récoltait les châtaignes et le miel. Pendant l'époque espagnole (1580-1640) les activités pastorales furent probablement stimulées par l'extension aux éleveurs portugais des privilèges de la Mesta, et on vit alors des «palheiras» transformées en habitations permanentes et de nouveaux villages, tels Cabeça, Vasco Esteves, Fontão, se former à mi-pente.

Jusqu'au XIX^e siècle, la vie régionale resta traditionnelle et



EST. I, A — Sucessão de covões glaciários, no vale da Ribeira da Nave. Perfil da garganta de Loriga. No primeiro plano, relvados de cervum e manchas escuras de zimbro.



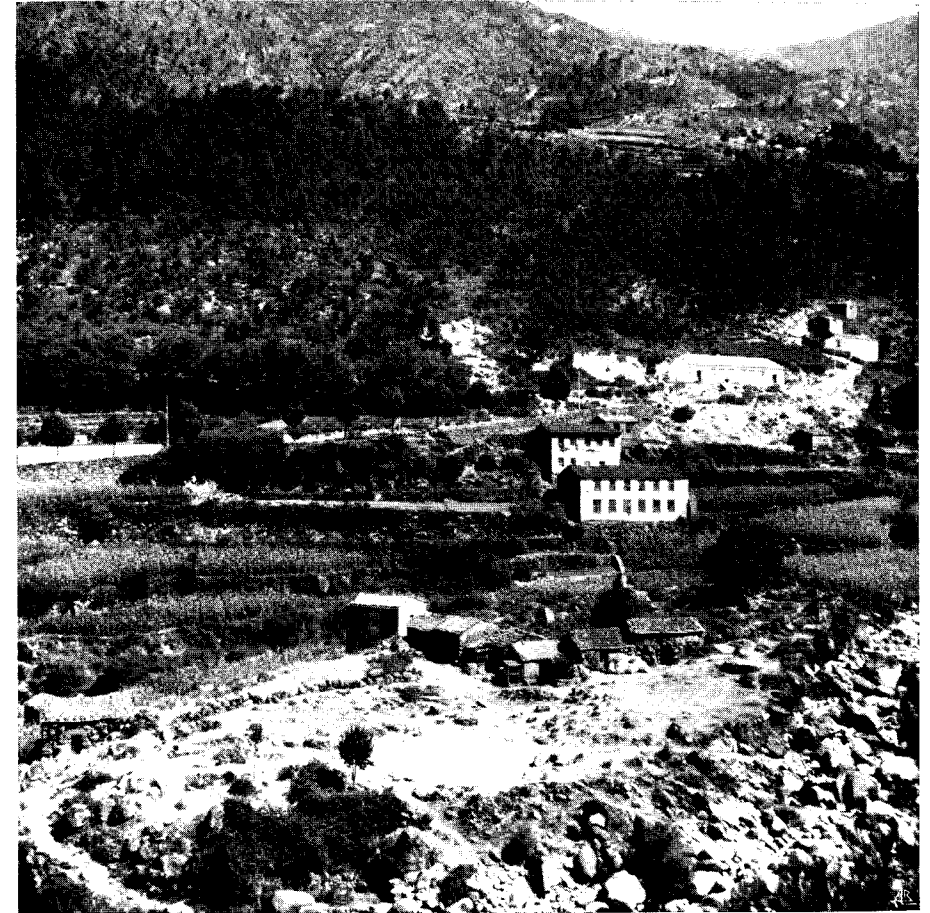
EST. I, B — Contacto xisto-granito a O de Loriga, perto do Malha-Pão. O pormenor do relevo e a ocupação agrícola e florestal evidenciam as duas formações.



EST. II — Canada por entre socalcos cultivados. Os muros altos de pedra defendem dos gados o milho e as oliveiras.



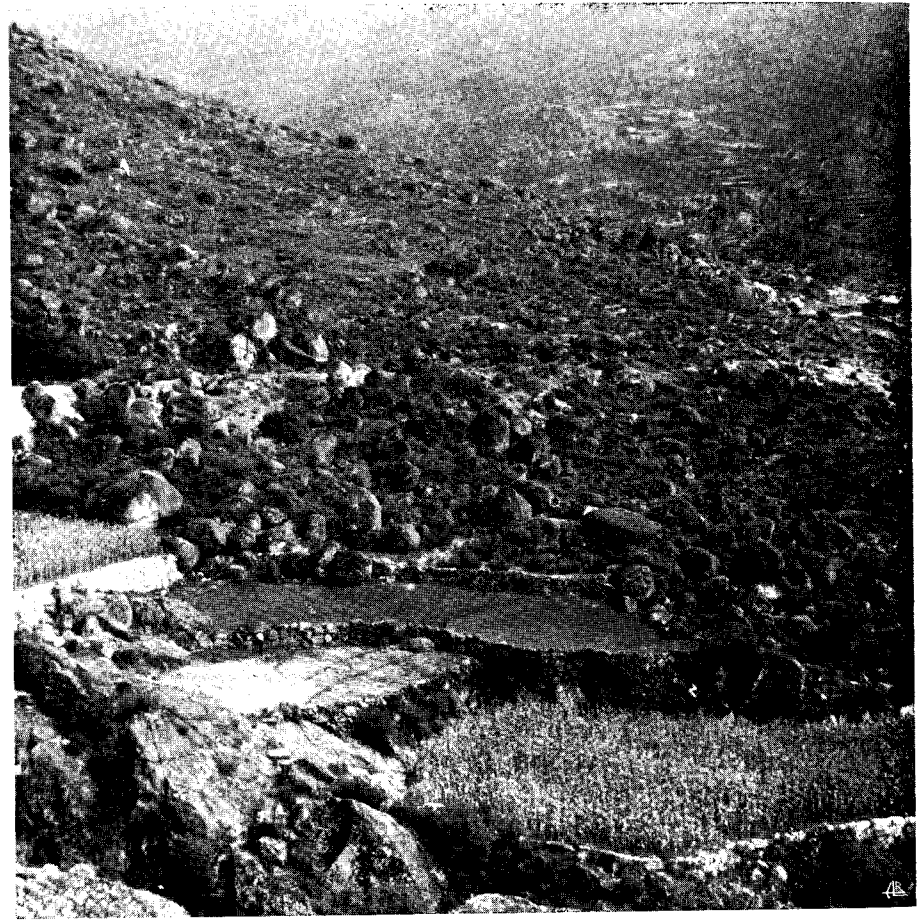
EST. III — Barriosa. Vertentes muito íngremes cultivadas em socalcos minúsculos: milho, olival e algumas vinhas nos bordos.



EST. IV — A eira do povo de Alvoco da Serra no primeiro plano: atrás, fábricas decadentes. Ao fundo, tapadas particulares até ao limite dos antigos baldios ainda não arborizados.



EST. V — Contrastes da ocupação das vertentes no vale da Ribeira de Alvoco: terras cultivadas de milho, campos de centeio já ceifados, tapadas e baldios.



EST. VI — Pequenos campos, criados por entre as pedras de moreia,
a montante de Loriga.



EST. VII — Vista geral de Loriga, onde avultam, pela dimensão,
os edifícios fabris.



EST. VIII — Alvoco da Serra: casario compacto, igrejas, ruas e largo parecem traduzir certa mediania.



EST. IX — Cabeça, aglomerado construído de xisto numa rechã do vale de Loriga, envolto pelos pinhais. Ao fundo, S. Pedro do Açor (1 340 m).



EST. X — Outeiro da Vinha. Só a capela, cuidadosamente caiada, e os caixilhos de algumas janelas fazem distinguir o povoado.



EST. XI — Vasco Esteves de Cima. Elegendo os sítios mais soalheiros, as novas construções, rebocadas e caiadas, em nada mudaram o estilo tradicional.

isolée. Aucune route ne reliait cette partie de la montagne à la plaine. Mais les contacts humains nés de la transhumance ainsi que l'accroissement démographique général, finirent par entraîner une diversification des activités. Les premières fabriques de lainage apparaissent alors à Loriga et à Alvoco, où existait déjà une tradition familiale du tissage de la laine.

En même temps l'agriculture devient plus intensive en adoptant la culture irriguée du maïs, ce qui provoque une transformation de la structure agraire par la construction de terrasses et de canaux d'irrigation et la multiplication de petits hameaux ponctuant les terres cultivées au fond des vallées. Le mode de vie devient plus complexe et associe désormais l'agriculture et l'industrie à l'élevage. La «broa» de maïs remplace le pain de seigle, l'huile d'olive les graisses d'origine animale, le vin prend la place de l'eau de vie d'arbousier et un peu plus tard la pomme de terre se substitue à la châtaigne.

Mais, avec le XXème siècle, commencent les difficultés liées à l'isolement des centres industriels et à la structure familiale des entreprises. Toutes les tentatives de modernisation achoppent contre l'éloignement non seulement des grands axes de circulation mais aussi des villes et centres commerciaux. Les innovations techniques apparaissent trop coûteuses et ne parviennent qu'avec retard: il devient impossible de lutter contre la concurrence des grandes entreprises d'industrie lainière. Au même moment, l'économie rurale voit aussi son équilibre menacé: les services officiels décident la réarborisation de nombreux communaux qui, couverts de forêts de pins appartenant à l'Etat, cessent de fournir aux habitants pâturage, bois et litière. D'où diminution du troupeau, du fumier et du rendement de cultures dont les techniques n'ont pas évolué.

Il devient urgent pour beaucoup de chercher au loin d'autres moyens de vivre. Les maisons isolées, les villages qui s'étaient multipliés avec la diffusion de la culture du maïs et le développement de l'élevage, se dépeuplent peu à peu. Les centres anciens eux-mêmes perdent leurs habitants qui trouvent facilement à s'employer, pour de meilleurs salaires, dans des entreprises textiles plus modernes. Hommes, jeunes filles, familles entières abandonnent le pays.

Ceux qui restent trouvent difficilement de l'emploi. Travail dans les pépinières, garde et exploitation des forêts, construction de barrages et de routes... ne font guère que retarder un départ inévitable.

En dépit de cet affaiblissement général du capital humain, le paysage présente un aspect rénové qui traduit un certain bien-être. On voit des maisons récemment améliorées, des églises et des chapelles neuves. Mais les capitaux proviennent de ventes de bétail ou sont fournis par des habitants partis à la ville mais qui viennent encore au pays pour les fêtes ou les vacances d'été. Il s'agit d'une époque de transition où un pays qui se vide continue pourtant à exporter des hommes en même temps que du bois sans que ni le tourisme ni aucune entreprise industrielle n'ait encore su voir que la région, en réalité, a complètement rompu l'isolement qui pesait autrefois sur elle.